



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

**Projetos de Arquitetura Paisagista no *atelier*
PB.ARQ – Arquitectura Paisagista Lda.**

Rafael Alexandre Gomes Pereira

Orientação:

Prof^a. Doutora Rute Sousa Matos

Coorientação:

Arq. Paisagista Pedro Batalha

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Évora, 2015

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

**Projetos de Arquitetura Paisagista no *atelier*
PB.ARQ – Arquitectura Paisagista Lda.**

Rafael Alexandre Gomes Pereira

Orientação:

Prof^ª. Doutora Rute Sousa Matos

Coorientação:

Arq. Paisagista Pedro Batalha

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Évora, 2015

Dedicado à
Maria Helena de Arruda Gomes e
Henrique Neves Pereira



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por este dom concedido, por dar-me força para suportar a distância física dos familiares e amigos que estão no Brasil.

Agradeço aos meus quatro pais, pelo esforço financeiro durante a trajetória acadêmica, irmãos, familiares e amigos que sempre incentivaram e acreditaram no meu potencial. A namorada, pela paciência e compreensão quando, por vezes, ficava em segundo plano quando era necessário um maior empenho e dedicação nos trabalhos acadêmicos.

Em especial gostaria de agradecer aos Prof^{as}. Arq. Rute Matos por todo incentivo durante o ciclo acadêmico, em especial no Mestrado, pelas conversas e desabafos que me fazem sempre perceber um pouco mais das disciplinas e da vida. Ao Arq. Pedro Batalha, a quem tenho especial admiração, profissional e pessoal, por me ter aceitado na sua equipa para a realização do estágio, onde pude ter um maior contato e a certeza da profissão que quero desfrutar para o resto da vida.

Não poderia deixar de referir e agradecer aqui o apoio, instrução e paciência proporcionada pela equipa da PB.ARQ, constituída pelos Arq. Paisagistas Ana Barreiros, Nuno Madruga, Sara Duarte e Sérgio Simões.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa fase da minha vida.

**“Demore o tempo que for para decidir o que você quer da vida,
e depois de decidir não recue ante nenhum pretexto,
porque o mundo tentará te dissuadir”.**

- Assim falou Zaratustra - Nietzsche

RESUMO

PROJETOS DE ARQUITETURA PAISAGISTA NO *ATELIER* PB.ARQ – ARQUITECTURA PAISAGISTA LDA.

Este relatório de estágio procura ilustrar os trabalhos mais relevantes desenvolvidos durante o período do mesmo no *atelier* PB.ARQ – Architectura Paisagista, o qual estabeleceu a ligação entre a prática académica e a profissional. A experiência foi dominada pelo processo projetual, percorrendo por todas as fases de projeto, nomeadamente o Estudo Prévio, o Anteprojeto, o Projeto de Execução e o Acompanhamento de Obra. Conclui-se o relatório com uma reflexão crítica em que se enfatiza a importância deste estágio quer no futuro profissional, quer na formação do Arquiteto Paisagista.

ABSTRACT

LANDSCAPE ARCHITECTURE PROJECTS IN PB.ARQ – ARQUITECTURA PAISAGISTA LDA.

This most relevant internship report seeks to illustrate the work carried out during the period of the same in PB.ARQ – Architectura Paisagista, which established the link between academic and professional practice. The experience was dominated by the project process, going through all project phases, including the previous study, the preliminary project the implementation project and the work of monitoring. The report is concluded with a critical reflection in which emphasizes the importance of this period both in the professional future, both in the formation of Landscape Architect.

ÍNDICE

ii Dedicatória

iii Agradecimentos

iv Frase

v Resumo

vi Abstract

xi Introdução

1\ Projetos

**Proposta de intenções para a nova Ponte e Entrepasto
Turístico / Comercial – Cuito Cuanavale – Angola** 2

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem 9

**Projeto para a ampliação da Fundação Lapa do Lobo
Lapa do Lobo – Nelas** 10

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem 16

**Elaboração de Projeto para Requalificação da Frente de Mar
de Salema e Burgau** 18

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem 35

Requalificação e Valorização do Espaço Urbano da Zambujeira do Mar 36

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem 46

**Requalificação e Valorização do Cais de Canelas,
Cais de Salreu e Esteiro de Estarreja** 51

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem 53

2\ Outros trabalhos

Elaboração de Leitores de Paisagem – Herdade Vale do Lobo 57

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem 63

Outros Trabalhos 64

3\ Considerações Finais	66
--------------------------------	----

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS	67
---------------------------	----

ÍNDICE DE FIGURAS

P.02	<i>Figura 1 - Entrepasto Cuito: Localização geográfica</i>	PB.ARQ
P.02	<i>Figura 2 - Entrepasto Cuito: Área de implantação potencial</i>	PB.ARQ
P.03	<i>Figura 3 - Entrepasto Cuito: Ponte existente</i>	PB.ARQ
P.03	<i>Figura 4 - Entrepasto Cuito: Embarcações abandonadas</i>	PB.ARQ
P.04	<i>Figura 5 - Entrepasto Cuito: Plano Geral de apresentação</i>	PB.ARQ
P.05	<i>Figura 6 - Entrepasto Cuito: Corte Este</i>	PB.ARQ
P.05	<i>Figura 7 - Entrepasto Cuito: Corte Oeste</i>	PB.ARQ
P.06	<i>Figura 8 - Entrepasto Cuito: Corte Sul</i>	PB.ARQ
P.06	<i>Figura 9 - Entrepasto Cuito: Corte Norte</i>	PB.ARQ
P.07	<i>Figura 10 - Entrepasto Cuito: Planta Funcional do Edifício</i>	PB.ARQ
P.07	<i>Figura 11 - Entrepasto Cuito: Planta Funcional R/C</i>	PB.ARQ
P.07	<i>Figura 12 - Entrepasto Cuito: Planta Funcional 1º piso</i>	PB.ARQ
P.08	<i>Figura 13 - Entrepasto Cuito: Simulação 3D – Entrepasto Turístico / Comercial</i>	PB.ARQ
P.08	<i>Figura 14 - Entrepasto Cuito: Simulação 3D – Noca ponte sobre o Rio Cuito</i>	PB.ARQ
P.08	<i>Figura 15 - Entrepasto Cuito: Simulação 3D – Cais de embarque turístico</i>	PB.ARQ
P.11	<i>Figura 16 - Fundação Lapa do Lobo: Plano Geral - Pátio</i>	PB.ARQ
P.13	<i>Figura 17 - Fundação Lapa do Lobo: Imagem 3D – Limite Sul do pátio</i>	PB.ARQ
P.13	<i>Figura 18 - Fundação Lapa do Lobo: Plano Geral - Jardim</i>	PB.ARQ
P.14	<i>Figura 19 - Fundação Lapa do Lobo: Imagem 3D do Jardim</i>	PB.ARQ
P.15	<i>Figura 20 - Fundação Lapa do Lobo: Imagem 3D do Jardim</i>	PB.ARQ
P.17	<i>Figura 21 - Fundação Lapa do Lobo: Plano de Trabalhos Preparatórios</i>	PB.ARQ
P.20	<i>Figura 22 - Salema: Zona A – Miradouro</i>	PB.ARQ
P.21	<i>Figura 23 - Salema: Zona B - Parque de Estacionamento</i>	PB.ARQ
P.22	<i>Figura 24 - Salema: Zona B - Corte</i>	PB.ARQ
P.23	<i>Figura 25 - Salema: Zona C - Passeio Marginal</i>	PB.ARQ
P.24	<i>Figura 26 - Zona C - Corte</i>	PB.ARQ
P.26	<i>Figura 27 - Burgau: Passeio do Mar</i>	PB.ARQ
P.27	<i>Figura 28 - Burgau: Largo da Rua 25 de Abril</i>	PB.ARQ
P.29	<i>Figura 29 - Burgau: Rua do Posto</i>	PB.ARQ
P.30	<i>Figura 30 - Burgau: Rua do Miradouro</i>	PB.ARQ
P.31	<i>Figura 31 - Burgau: Largo dos Pescadores</i>	PB.ARQ
P.32	<i>Figura 32 - Burgau: Rua da Lota</i>	PB.ARQ
P.33	<i>Figura 33 - Burgau: Parque de Estacionamento da Rua da Lota</i>	PB.ARQ
P.34	<i>Figura 34 - Burgau: Localização do novo restaurante "A Barraca"</i>	PB.ARQ
P.37	<i>Figura 35 - Zambujeira: Largo Miramar</i>	PB.ARQ
P.39	<i>Figura 36 - Zambujeira: Área Sul da Avenida da Praia</i>	PB.ARQ
P.41	<i>Figura 37 - Zambujeira: Imagem fotorealista do Jardim da Zambujeira</i>	PB.ARQ
P.41	<i>Figura 38 - Zambujeira: Jardim da Zambujeira - Planta</i>	PB.ARQ
P.42	<i>Figura 39 - Zambujeira: Largo da Capela da Nossa Senhora do Mar</i>	PB.ARQ

P.44	<i>Figura 40 - Zambujeira: Arriba com presença de vegetação invasora</i>	PB.ARQ
P.44	<i>Figura 41 - Zambujeira: Arriba danificada</i>	PB.ARQ
P.45	<i>Figura 42 - Zambujeira: Proposta para implantação do futuro apoio de praia</i>	PB.ARQ
P.47	<i>Figura 43 - Zambujeira: Plano de Implantação Planimétrica - Quadrante I - Área A1</i>	PB.ARQ
P.48	<i>Figura 44 - Zambujeira: Plano de Localização do Pontos de Recolha de Resíduos - Área A3</i>	PB.ARQ
P.49	<i>Figura 45 - Zambujeira: Plano de Rota de Recolha - Área A3</i>	PB.ARQ
P.50	<i>Figura 46 - Zambujeira: Pormenor Construtivo da Cuba dos RSU's – Área A3</i>	PB.ARQ
P.52	<i>Figura 47 - Cais de Canelas: Planta do Cais de Canelas</i>	PB.ARQ
P.52	<i>Figura 48 - Cais de Salreu: Planta do Cais de Salreu</i>	PB.ARQ
P.53	<i>Figura 49 - Esteiro de Estarreja: Planta do Esteiro de Estarreja</i>	PB.ARQ
P.54	<i>Figura 50 - Cais de Canelas - Guarda descentralizada</i>	PB.ARQ
P.54	<i>Figura 51 - Cais de Canelas - Guarda descentralizada</i>	PB.ARQ
P.54	<i>Figura 52 - Cais de Canelas – Pontão / Trapiche</i>	PB.ARQ
P.54	<i>Figura 53 - Cais de Salreu - Crescimento de herbáceas</i>	PB.ARQ
P.57	<i>Figura 54 - Esteiro de Estarreja: Instalação de guardas</i>	PB.ARQ
P.57	<i>Figura 55 - Herdade Vale do Lobo: Localização dos miradouros</i>	PB.ARQ
P.58	<i>Figura 56 - Herdade Vale do Lobo: Localização do leitor de paisagem - Miradouro Sul</i>	PB.ARQ
P.58	<i>Figura 57 - Herdade Vale do Lobo: Localização dos leitores de paisagem - Miradouro Norte</i>	PB.ARQ
P.59	<i>Figura 58 - Herdade Vale do Lobo: Identificação das principais linhas de festos</i>	PB.ARQ
P.59	<i>Figura 59 - Herdade Vale do Lobo: Identificação através do Google Earth</i>	Google Earth
P.60	<i>Figura 60 - Herdade Vale do Lobo: Leitor de Paisagem do miradouro Sul</i>	PB.ARQ
P.61	<i>Figura 61 - Herdade Vale do Lobo: Leitor de Paisagem do miradouro Norte (orientado a Sul)</i>	PB.ARQ
P.62	<i>Figura 62 - Herdade Vale do Lobo: Leitor de Paisagem do miradouro Norte (orientado a Norte)</i>	PB.ARQ
P.63	<i>Figura 63 - Herdade Vale do Lobo: Esboços do suporte dos Leitores de Paisagem</i>	PB.ARQ

INTRODUÇÃO

Chegado ao fim componente curricular do mestrado em Arquitetura Paisagista, era a hora de aplicar e consolidar todos os conhecimentos adquiridos, quer ao longo da Licenciatura quer do Mestrado e adquirir novas competências através de um primeiro contato com o mundo profissional certificando que a escolha profissional foi a certa. Para esta fase escolhemos o estágio, onde poderíamos conseguir aplicar e avaliar, num curto prazo, as nossas capacidades profissionais e pessoais e assim começar a criar uma rede de contatos profissionais.

O local escolhido para o estágio foi o *atelier PB.ARQ – Architectura Paisagista*, constituído em Julho de 2001, pelo Arq. Paisagista Pedro Batalha. Está sediado em Évora e tem como principal missão elaborar projetos no âmbito de Arquitetura Paisagista, para clientes públicos ou privados, mas também estabelece parcerias com outras empresas de vários setores, na elaboração de projetos onde é necessária a colaboração de outras especialidades, como a arquitetura e a engenharia.

Conta atualmente com 4 colaboradores: a Arq. Paisagista Ana Barreiro, o Arq. Paisagista Nuno Madruga, a Arq. Paisagista Sara Duarte e o Arq. Paisagista Sérgio Simões, sob coordenação do Arq. Paisagista Pedro Batalha, sócio-gerente e diretor técnico dos projetos elaborados.

A escolha desde *atelier* justifica-se pela experiência comprovada da empresa no mercado de trabalho e pela nossa admiração pessoal pelo Arq. Paisagista Pedro Batalha, também professor de projeto de Arquitetura Paisagista na Universidade de Évora.

Este estágio constitui, também um reencontro, uma vez que há dois anos atrás já havíamos aqui concluído um pequeno estágio de 4 semanas enquanto estudante de licenciatura. Sendo uma equipa jovem, o bom humor e descontração estão sempre presentes e a nossa integração foi sempre boa. Também tivemos a oportunidade de conviver com profissionais de outras especialidades, nomeadamente engenheiros de infraestruturas e engenheiros eletrotécnicos, o que constituiu uma novidade pois, no estágio anterior, devido ao seu curto período, esta convivência não foi experimentada.

O contato com uma grande diversidade de profissionais e de personalidades tornou a experiência do estágio mais enriquecedora, menos monótono e mais desafiante.

O relatório

Neste relatório apresentamos, de forma sintética, como decorreu este estágio evidenciando os momentos decisivos e fundamentais que contribuíram para o nosso crescimento profissional e pessoal. O relatório estrutura-se em dois capítulos e numa conclusão.

1\ **Projetos e Obras**

Neste capítulo apresentam-se os projetos realizados e as visitas às obras a decorrer. A ordem dos trabalhos apresentados não é cronológica, respeita sim as fases de projeto: sendo o **Estudo Prévio** com a Proposta de intenções para a nova Ponte e Entrepasto Turístico / Comercial, no Cuito Cuanavale – Angola e o Projeto para a ampliação da Fundação Lapa do Lobo, na Lapa do Lobo – Nelas; o **Anteprojecto** com a Elaboração de Projeto para Requalificação da Frente de Mar de Salema e Burgau; o **Projeto de Execução** com a Requalificação e Valorização do Espaço Urbano da Zambujeira do Mar; e o **Acompanhamento de Obra** com a Requalificação e Valorização do Cais de Canelas, Cais de Salreu e Esteiro de Estarreja.

2\ **Outros trabalhos**

Neste capítulo são apresentados outros trabalhos que não envolveram o desenho de projeto, nomeadamente a elaboração de Leitores de Paisagem na Herdade Vale do Lobo e trabalhos administrativos, assim como os projetos em que nossa participação foi reduzida.

3\ **Considerações Finais**

Nas considerações finais faz-se um balanço final e uma reflexão crítica sobre a experiência do estágio.

1

PROJETOS

Proposta de intenções para a nova Ponte e Entreposto Turístico / Comercial Cuito Cuanavale – Angola

Cliente: **Particular**

Fase do Projeto: **Proposta de intenções e ideias**

Localização

O local de intervenção, com uma área aproximada de 1,7 ha, situa-se na zona marginal do rio Cuito (Figura 2), junto da vila de Cuito Cuanavale, na província de Cuando Cubango. A uma distância de cerca de 190km para Este da capital de província Menongue (Figura 1), a vila de Cuito Cuanavale implanta num planalto na margem direita do rio Cuito, e articula-se como um importante eixo rodoviário que segue para Este, em direção a Mavinga, a uma distância de cerca de 175km.

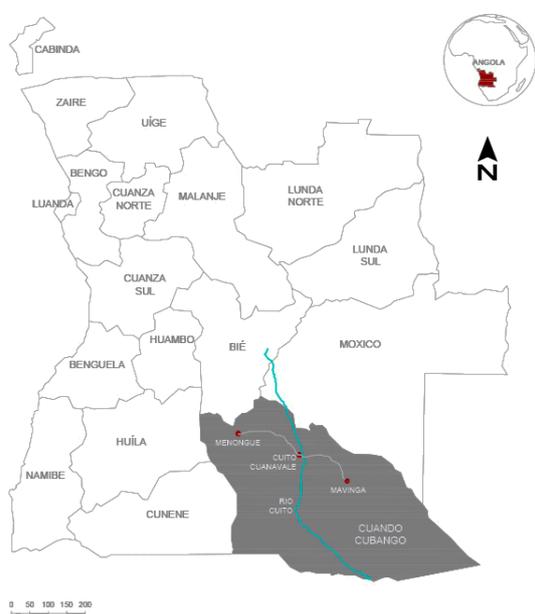


Figura 1 – Entreposto Cuito: Localização geográfica
Esc: sem escala

Objetivos

A presente proposta de intenções tem por objetivo a apresentação de soluções conceptuais para a construção da nova ponte do Rio Cuito, bem como para a construção do entreposto turístico e comercial do Cuito Cuanavale.

A nova ponte permitirá a implementação e o desenvolvimento do eixo rodoviário Menongue – Cuito Cuanavale – Mavinga criando novas acessibilidades entre a capital de Província e o seu território mais oriental, nomeadamente na ligação à vizinha Zâmbia.

O projeto de intenções do entreposto turístico e comercial do Cuito Cuanavale procura a implementação de uma infraestrutura de apoio a atividades turísticas e comerciais que possam explorar o potencial do rio Cuito. Esse potencial deverá ser entendido numa perspetiva de criação e desenvolvimento de novas acessibilidades fluviais, penetrando nos territórios remotos, a sul,



Figura 2 - Entreposto Cuito: Área de implantação potencial
Esc: sem escala

e possibilitando a ligação fluvial à Namíbia e ao Botswana. Por outro lado, a percepção de que o potencial natural do rio Cuito e zonas marginais é real, constitui uma possibilidade de desenvolvimento turístico, que pode e deve ser explorado.

Situação existente

Do reconhecimento da situação existente à data da visita realizada ao local, em Julho de 2013, ressalta a percepção de uma estrutura rodoviária em más condições de transitabilidade a partir da vila do Cuito Cuanavale para Este, em direção a Mavinga. No sentido oposto, entre a Vila e a capital Menongue, a estrada existente encontra-se em plena fase de remodelação, perspetivando-se para um futuro próximo, a sua assunção como importante eixo rodoviário.

A ponte existente, sobre o rio Cuito, é constituída por uma estrutura metálica, suportada por um sistema de estacaria de madeira pertencente a uma ponte original (Figura 3), construída há muito naquele local. O exíguo dimensionamento, bem como o mau estado de conservação que esta estrutura apresenta, evidenciam condicionalismos efetivos de transitabilidade entre as duas margens (tanto em termos de velocidade, como de tonelagem admissível), indiciando a necessidade de soluções mais eficientes, tendo em vista a perspetiva de desenvolvimento desta zona interior de Angola.



Figura 3 - Entreposto Cuito: Ponte existente



Figura 4 - Entreposto Cuito: Embarcações abandonadas

Na margem esquerda do rio (Figura 4), a jusante da atual ponte metálica, percebe-se uma pequena enseada, que funcionou como ponto de atracagem de embarcações de pequena dimensão (cerca de 7m), que usando o rio Cuito como meio de acessibilidade, aqui chegavam vindas do Sul. São ainda visíveis alguns destroços de guerra, nomeadamente algumas lanchas militares abandonadas. O tipo de terreno menos encharcado num troço dessa margem do rio, surge como ponto de partida para a proposta de implementação do Entreposto Turístico/Comercial neste local, por ser o solo mais estável para construção. No entanto, na margem direita do rio, regista-se agora,

a existência de um acesso automóvel ao plano de água do rio para a colocação e retirada das embarcações, bem como uma central de bombagem em funcionamento, que permite o abastecimento dos camiões cisterna que diariamente abastecem a vila do Cuito Cuanavale de água para consumo humano.

Proposta de intenções

Da análise e reconhecimento do local e situação existente, ressalta a proposta de construção de uma nova ponte, exatamente no local de implantação da atual, que permitirá a ligação entre as margens do rio, de forma mais eficaz e segura.



Figura 5 – Entrepósito Cuito: Plano Geral de apresentação

Esc: sem escala

O desenvolvimento do Entrepósito Turístico/Comercial compreende a utilização de uma área de cerca de 13.000 m² (Figura 5) suficiente para abrigar, para além de algumas áreas edificadas, um vasto espaço exterior com valências funcionais diversificadas, nomeadamente vias e áreas de circulação e estacionamento automóvel, áreas de circulação e estadia de pessoas, bem como espaços abertos de enquadramento. Como já referido anteriormente nos objetivos, a localização escolhida para a implantação e desenvolvimento deste complexo prende-se, em primeira instância, com uma preexistência que revela neste local uma antiga área de atracagem de embarcações. Reforça o



Figura 6 - Entrepasto Cuito: Corte Este

Esc: sem escala

sentido para esta localização, a relação com a nova ponte, que constituirá uma eficaz acessibilidade entre margens, a relação visual do Entrepasto com o planalto onde se implanta a vila do Cuito Cuanavale e a relação visual privilegiada com o troço de rio para jusante, onde se verificará o maior fluxo fluvial esperado. Questões técnicas, como a existência de condições de menor alagamento em período de chuvas e aspetos hidrodinâmicos relacionados com a configuração do rio Cuito nesta zona, foram também tidos em consideração para a eleição desta área como local de implantação do entreposto. Dos equipamentos a instalar, destaca-se o conjunto edificado que compreende as valências de gestão e controlo da atividade turístico comercial a desenvolver, bem como áreas de apoio como bar e restauração, e ainda algumas salas no edificado para fins a definir. De referir a existência de um edifício armazém para depósito coberto de mercadorias, que suporta e complementa a área exterior vedada, para o mesmo fim.

O entreposto terá, do ponto de vista de infraestrutura fluvial, um cais de embarque com capacidade para atracagem simultânea de três barcos de média dimensão (cerca de 20m para transporte de passageiros, veículos e mercadorias). Paralelamente existirá um ancoradouro flutuante com capacidade para atracagem de várias embarcações turísticas, e de recreio, de menor dimensão. Foi ainda contemplado um posto de abastecimento de combustível, tanto para apoio à circulação fluvial, como para abastecimento de veículos automóveis. Para além das áreas de circulação automóvel associadas à plataforma de embarque, situada a norte do principal conjunto edificado, existe todo um sistema de circulação e estacionamento automóvel que, desenvolvendo-se no quadrante nascente do entreposto, lhe confere acessibilidade (a partir da nova ponte sobre o rio Cuito) e apoio

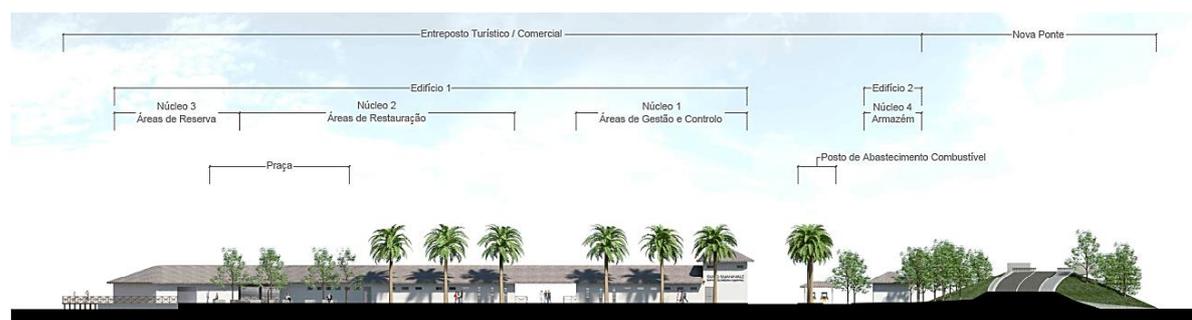


Figura 7 - Entrepasto Cuito: Corte Oeste

Esc: sem escala

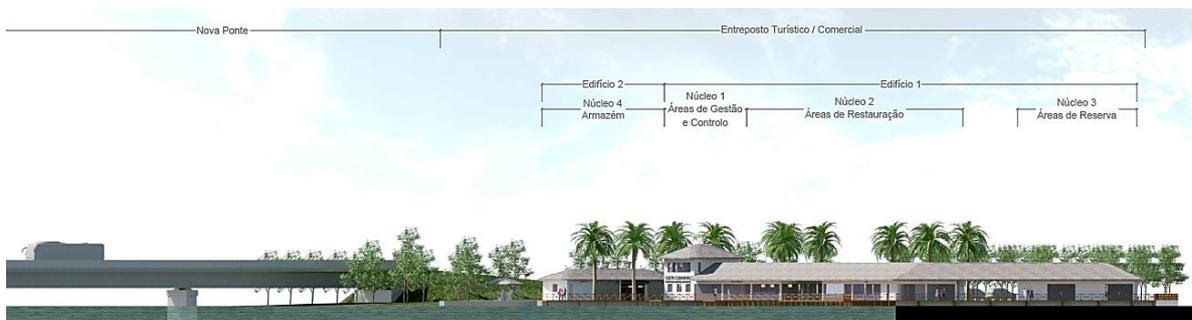


Figura 8 - Entrepasto Cuito: Corte Sul

Esc: sem escala

(capacidade de estacionamento para 13 veículos ligeiros e 3 autocarros. Em termos pedonais, tanto numa perspetiva de acessibilidade como de estadia, existem duas áreas distintas: a nascente do principal conjunto edificado desenvolve-se uma área pavimentada (passeio), que evolui para uma ampla área de praça, situada mais a sul. Este percurso, funciona como área de receção aos visitantes e utentes do entreposto, servindo a praça também como área de estadia, pois é de maior dimensão e equipada com bancos. Por oposição a este quadrante, toda a frente de rio, associada ao conjunto edificado é acompanhada por uma ampla varanda semi-suspensa, em pavimento de madeira onde, para além da circulação e contemplação da esperada movimentação nesta zona do rio bem como da magnífica paisagem existente, será possível a instalação de áreas de esplanada de apoio ao bar e ao restaurante, potenciando a sua funcionalidade e permitindo a estadia em espaço exterior de grande qualidade paisagística. Por fim, os espaços abertos de enquadramento, com destaque para a área central do sistema viário do entreposto, constituindo uma superfície revestida com um amplo relvado associado a arborização abundante. Pretende-se com esta solução, a marcação desta zona de entrada do complexo, conferindo-lhe dimensão e destaque para quem chega de automóvel. A norte do entreposto, e coincidindo em parte com o talude resultante da implantação da nova ponte, existirá uma ampla faixa de terreno com revestimento herbáceo arbustivo e arbóreo, que enquadra todo o conjunto.

O conjunto edificado do Entrepasto Turístico e Comercial é composto por um edifício principal - o edifício 1, que se desenvolve junto ao plano de água e conforma a frente do rio, e por um outro, de menores dimensões e de função secundária, situado no limite norte do complexo, denominado

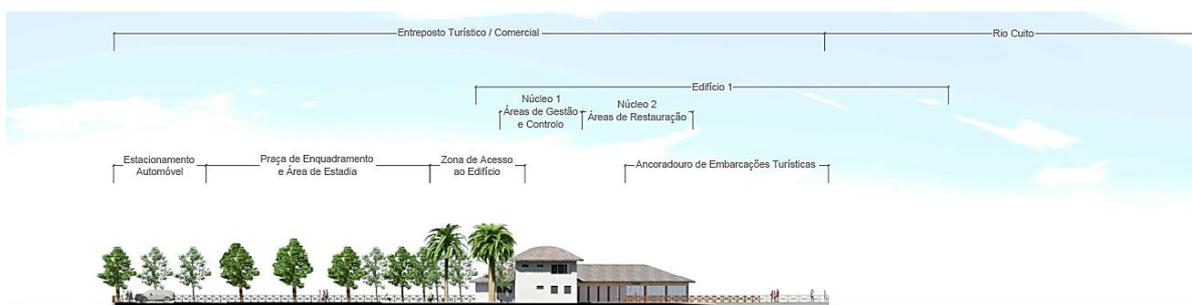


Figura 9 - Entrepasto Cuito: Corte Norte

Esc: sem escala

edifício 2. O edifício 1 (Figura 10), com uma área coberta total de 950 m², apresenta geometria irregular e divide-se em 3 núcleos distintos, articulados por amplas áreas exteriores cobertas.

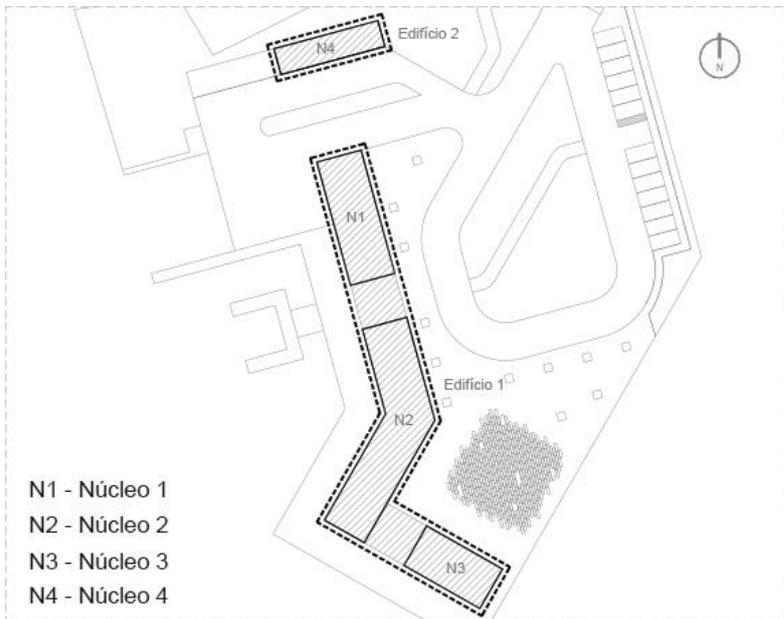


Figura 10 - Entrepasto Cuito: Planta Funcional do Edifício Esc: sem escala

Ao núcleo 1 (Figura 10) corresponde a valência de gestão e controlo da função turística e comercial. Desenvolve-se genericamente num amplo piso térreo onde se situa uma grande sala de uso público, que congrega a função de apoio e informação turística – sala de embarque com área de estadia/espera, posto de informação turística e área de *check-in*, bem como um conjunto de instalações sanitárias de uso público. Compreende ainda áreas de acesso restrito afetas a serviços de apoio e gestão logística, sala de *back office* com balcão de atendimento público e instalações sanitárias para uso de funcionários. O núcleo 1 é o único que tem um piso superior (piso 1), afeto à função de controlo de tráfego (embarcações, veículos, passageiros e mercadorias).



Figura 11 - Entrepasto Cuito: Planta Funcional R/C Esc: sem escala

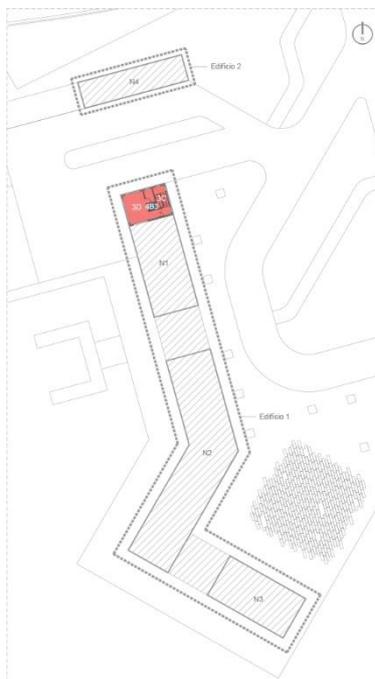


Figura 12 - Entrepasto Cuito: Planta Funcional 1º piso Esc: sem escala

O núcleo 2 (Figura 10) do edifício 1 corresponde à área de apoio de restauração ao entreposto e compreende uma área de bar, uma área de restaurante, bem como toda uma vasta área de acesso restrito com a função de serviços (cozinha, copa, dispensa, vestiário e instalações sanitárias para funcionários). Tanto o bar como o restaurante podem usar áreas exteriores adossadas ao edifício, no



Figura 13 - Entrepasto Cuito: Simulação 3D – Entrepasto Turístico / Comercial



Figura 14 - Entrepasto Cuito: Simulação 3D – Noca ponte sobre o Rio Cuito



Figura 15 - Entrepasto Cuito: Simulação 3D – Cais de embarque turístico

quadrante poente e viradas para o rio, para instalações das respectivas esplanadas, ampliando a sua capacidade e diversificando ambiências de utilização.

Por fim, o núcleo 3 (Figura 10) do edifício 1 corresponde, nesta proposta, a duas salas independentes, numa primeira instância com a função de reserva, para eventual utilização como área de apoio, de serviços, comércio ou outras.

O edifício 2 (Figura 10), tem uma área coberta total de 100 m², e tem como função única a de armazenamento de mercadorias. Articula-se fortemente com uma área de armazenamento exterior, localizada imediatamente a poente em recinto vedado, e que no seu conjunto representa uma considerável. O edifício, para além da grande área de armazém que possui, compreende um pequeno escritório e umas instalações sanitárias.

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem

Dos trabalhos desenvolvidos durante o estágio, este projeto de intenções foi o que mais prazer nos deu a trabalhar, pois foi dos poucos que tivemos oportunidade de acompanhar desde a fase inicial até à conclusão. Foi também o único em que pudemos colocar em prática as nossas capacidades de comunicação do projeto de Arquitetura Paisagista e outras competências técnicas, nomeadamente a modelação e renderização 3D.

Juntamente com o Arq. Paisagista Pedro Batalha, e sob sua orientação, desenvolvemos muito trabalho nesse projeto de intenções. Por se tratar de um espaço num país estrangeiro, investimos mais tempo a pesquisar e relacionar com matérias lecionadas nos diferentes módulos ao longo da licenciatura, nomeadamente o clima, a orientação solar, entre outros. Com a colaboração e orientação da especialidade de Arquitetura, nesta primeira fase, auxiliamos também na elaboração e forma geral dos edifícios com a preocupação das funções e fluidez entre eles para um melhor aproveitamento por parte do público.

Consistindo esta proposta numa primeira abordagem, não havia uma grande preocupação no orçamento a ser investido. Caso haja interesse no desenvolvimento deste projeto, haverá que ser feito um levantamento topográfico mais rigoroso de toda a área de intervenção, bem como estudos geológicos, por se tratar de uma área de alagamento, como também a avaliação do nível de cheia e estiagem do rio Cuito, evitando assim problemas futuros com alagamentos na área do entreposto.

Projeto para a ampliação da Fundação Lapa do Lobo

Cliente: **Particular**

Fase do Projeto: **Estudo Prévio e Projeto de Execução**

Localização e aspetos gerais

A Fundação Lapa do Lobo é uma entidade privada sem fins lucrativos com objetivos fundamentalmente culturais, educativos e de preservação do património. A sua área de influência centra-se, em primeiro lugar, na população e no património da Lapa do Lobo, abrangendo genericamente os concelhos de Nelas e do Carregal do Sal.

O espaço, objeto de intervenção, localiza-se na Lapa do Lobo, freguesia de Lapa do Lobo, concelho de Nelas. O projeto que agora se apresenta na fase de Projeto de Execução surge na sequência da ampliação da Fundação Lapa do Lobo e, naturalmente, da expansão do Pátio da Fundação.

Esta expansão resulta da aquisição de um imóvel adjacente ao atual edifício da Fundação que, contando com uma área de logradouro de cerca de 830m², aumenta significativamente a área de espaço exterior da Fundação. O pátio, fruto das várias ambiências que este novo espaço proporciona, passará a ser uma unidade bastante maior e polivalente, coexistindo com um jardim.

Proposta

A proposta surge da confrontação dos requisitos definidos pelo cliente e conclusões da análise efetuada, nomeadamente a expansão do pátio existente e a proposta para um jardim, de onde surgem as seguintes ideias:

Pretende-se proporcionar uma forte articulação e relacionamento do espaço com o tecido urbano envolvente, de forma a ser parte integrante do aglomerado, permitindo um acesso facilitado às instalações da fundação. Desta forma, foi também opção do cliente formalizar um acesso pela parte sul da propriedade.

Para garantir que este pátio e jardim apresentem polivalência funcional, propõe-se a criação de vários subespaços que adquirem forma, amplitude, ambiências e funcionalidades distintas.

Deseja-se ainda promover uma fácil articulação dos espaços entre si, de forma a permitir um uso efetivo de todos, garantindo a proximidade do mobiliário associado.

Pretende-se uma linguagem simples e eficaz, traduzindo-se numa fácil leitura e entendimento do espaço, podendo este comunicar com o público utilizador de uma forma clara e objetiva,

possibilitando conforto e segurança. A necessidade de enquadramento do espaço num contexto ainda ligado a uma expressão bastante rural, mas com uma forte característica urbana, permite uma linguagem contemporânea embora nunca alheada do “espírito do lugar”, nomeadamente o silêncio e tranquilidade (Figura 16).

O atual pátio da Fundação tem um forte carácter social e, obviamente, que também tem um papel importante na circulação de pessoas entre edifícios. Assume ainda uma grande importância quando de eventos que se realizem no espaço da Fundação. Pelas razões atrás mencionadas a expansão do pátio é uma valorização na vivência do espaço aberto desta instituição.

O pátio existente será agora lida como um todo, ou seja, em conjunto com a nova área proposta. Para tal, a principal premissa é a utilização do mesmo pavimento, a calçada em cubo de granito, e da mesma estereotomia, mantendo uma pendente suave e homogénea no sentido Norte / Sul.

No seguimento da linguagem usada na primeira intervenção, as áreas plantadas localizam-se perifericamente para fomentar a livre circulação, acontecendo essencialmente junto ao alçado



Figura 16 – Fundação Lapa do Lobo: Plano Geral - Pátio

Esc: sem escala

poente do edifício que agora se recupera. No extremo oposto, junto ao limite nascente, o novo telheiro possibilitará a estadia e o apoio a eventos, mas de forma abrigada.

Este espaço é ainda caracterizado por uma área destinada à implantação de palcos efêmeros, estruturas que apenas serão montadas quando, e se existir, necessidade. O espaço dedicado a estas estruturas encontra-se junto ao portão de apoio e abastecimentos. Ainda como apoio a eventos e espetáculos, prevê-se a construção de um armário para albergar um quadro de apoio com tomadas monofásicas e trifásicas, localizado na parede junto ao portão de abastecimentos.

Contudo, o pátio será vivido no dia-a-dia da fundação como um complemento do espaço interior, uma extensão, uma sala ao ar livre. Nesta perspectiva propõe-se uma estadia eventual e amovível através da implantação de guarda-sóis com algumas mesas e cadeiras.

O pátio é ainda caracterizado por algumas preexistências, nomeadamente, o poço e tanque existentes, que se pretendem manter e recuperar. No entanto, e para que a compatibilização com as cotas do pátio existente fosse a melhor possível, e mantendo uma pendente confortável na nova área, foi necessário subir o nível do pavimento, o que provocou, naturalmente, o aterro de parte deste conjunto (poço e tanque). Assim, e porque se reconhece a importância destes elementos, propõe-se a sua desmontagem e subida de cota.

A área de pátio, no seu limite sul, terá como limite uma linha descontínua de bancos em granito (Figura 17), que anunciam o término de uma unidade e o início de uma outra - o Jardim.



Figura 17 - Fundação Lapa do Lobo: Imagem 3D – Limite Sul do pátio

Importa ainda falar, sobre os elementos que acontecem no atual pátio da fundação e que serão desmontados e replantados na nova intervenção, nomeadamente: as floreiras suspensas com plantação de bambus, os bancos cubo em aço corten, que acontecem junto à *Ginkgo biloba*, e os focos de pavimento que iluminam o muro de pedra.



Figura 18 - Fundação Lapa do Lobo: Plano Geral - Jardim

Esc: sem escala

O jardim acontece a um nível altimétrico inferior ao pátio (Figura 18), enfatizando a diferenciação de ambiências e conferindo uma sensação mais intimista, própria de um jardim.

A área de Jardim divide-se em dois níveis, que se formalizam por dois socalcos. Um primeiro, que confronta diretamente com o pátio, e cujo acesso se faz em três pontos, dois em escada e um em rampa, caracterizado, no essencial, por um jogo de volumes conseguido através de floreiras sobrelevadas. Um segundo nível, inferior, que na sua essência era usado para a prática hortícola, e agora se apresenta como uma reinterpretação desse tempo, essencialmente uma área permeável e plantada, com um carácter bastante mais intimista, calmo e sombroso.

O acesso a este espaço, ora em escada ora em rampa tem como objetivo fomentar a circulação franca entre o pátio e o jardim. Os elementos escadas e rampa estão contidos entre floreiras, o que possibilita logo à entrada o contacto com as áreas plantadas transportando o utilizador para outra ambiência.

Este patamar caracteriza-se, como já foi dito, por um jogo de volumes conseguido através da introdução de floreiras sobrelevadas (Figura 19), que possibilitam a criação de diversos subespaços, de passagem, de direcionamento e de estadia. Os elementos “floreira” são fundamentais, quer pelo seu volume, quer pelas suas plantações que introduzem a diversidade de cor e texturas, essenciais num jardim, mas ainda pelo seu desenho e detalhe. Estes elementos são resultado de uma série de planos inclinados que se interseccionam e formam caixas de plantação. Ao nível da sua materialização,



Figura 19 – Fundação Lapa do Lobo: Imagem 3D do Jardim

são constituídos por uma caixa de alvenaria interior, forradas com chapas de aço cortén.

A principal área de estadia está contida entre as floreiras F5 e F6, que formaliza-se através de bancos de granito embutidos nas floreiras, que possibilitam aos utilizadores estar em convívio virados uns para os outros.

No pavimento mantém-se a calçada de cubo de granito de textura miúda. Desta forma apesar de serem espaços com ambiências distintas, pátio e jardim, existe continuidade e uniformidade de linguagem.

Ainda neste nível destaca-se a manutenção das árvores existentes, nomeadamente da oliveira junto ao muro nascente, da laranjeira junto à rampa e do limoeiro localizado na floreira F1.

Também a “namoradeira” se vai manter, possibilitando a estadia num ponto com visualização sobre a envolvente.

O segundo patamar de jardim, mais baixo (Figura 20), é uma área mais intimista, mais sombria, onde se prevê manter o elemento arbóreo ali existente a noqueira. É um espaço onde se fomenta a estadia ao longo de todo o murete que o separa do nível seguinte. É uma área essencialmente plantada com um percurso em saibro que conduz a pequenos pontos de estadia delimitados pelos muros de pedra existentes. É uma área de enquadramento, de cenário, sendo simultaneamente um espaço de ligação à Rua Canada do Sobreiro através do portão aí existente. Esta eventual ligação far-se-á,

provavelmente, aquando da realização de eventos possibilitando uma entrada direta para o espaço exterior da fundação.

A vegetação adquire um maior protagonismo no jardim, apesar de aparecer em floreiras em todo o espaço.



Figura 20 - Fundação Lapa do Lobo: Imagem 3D do Jardim

São as árvores que assumem uma maior protagonismo, tanto pela sombra que proporciona como pelo volume que têm. Na generalidade serão mantidas as árvores existentes, nomeadamente: a *Ginkgo biloba*, a oliveira de grandes dimensões junto ao muro de pedra no limite sul, a noqueira, a laranjeira junto à rampa e o limoeiro na floreira F1. Apenas serão retiradas as estritamente necessárias à implantação dos edifícios.

As manchas arbustivas e subarbustivas assumem um carácter essencialmente periférico, para contenção e definição do espaço, desenvolvendo-se sobretudo “agarradas” ao edificado, sendo que é no jardim que obviamente adquirem maior significado, aparecendo na maioria dos casos em floreiras construídas. No sentido de se reforçar o carácter de jardim optou-se por utilizar espécies que não serão tão rústicas e que precisarão de maior manutenção, mas que contribuem para o aspeto do jardim cuidado, sofisticado, com variedade de cores e texturas, estando, no entanto, perfeitamente adaptadas às condições edafo-climáticas aumentando assim a taxa de sucesso na sua plantação.

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem

Por se tratar de um projeto para um cliente particular, por constituir uma área consideravelmente pequena e por ser a continuação do projeto anteriormente desenvolvido, na presente proposta a fase de “projeto de execução” foi desenvolvida em conjunto com o estudo prévio.

Nesta ampliação das instalações e espaço aberto da Fundação Lapa do Lobo era previsto e justificável, que o desenho do espaço fosse uma continuação do pátio adjacente existente, com a mesma linguagem ao nível material e equipamento mobiliário que conferem uma leitura de espaço envolvente. Por isso o responsável por este projeto foi o Arq. Paisagista Sérgio Simões, que já havia desenhado, na primeira fase de obra, o pátio anterior.

Coube-nos auxiliar o colega durante a elaboração da proposta, sendo esta colaboração mais intensa na modelação 3D do jardim para melhor percebermos a relação das floreiras com o espaço, não sendo totalmente concebida com os alçados e cortes. Isto aconteceu devido à forma irregular das floreiras, mais complexo ainda pela existência de planos retos e inclinados na sua constituição que dão mais movimento e fluidez à sua relação com o espaço. Foram muitos esboços feitos à mão e em 3D para a definição ideal das floreiras, quer em volume, quer na largura dos limites, quer nos planos mais ou menos inclinados.

Na universidade já projetamos alguns elementos construídos, sem pensar, no entanto, na complexidade construtiva dos mesmos. Neste caso, as floreiras foram projetadas sabendo de antemão o desafio que constituíam. Foram horas e mais horas com a Arq. Paisagista Ana Barreiros a montá-las e a desmontá-las, como um *puzzle* no software 3D, calculando área e inclinação de cada peça que constituía cada umas das floreiras. Acreditamos que nossa prestação foi de grande acréscimo à equipa na elaboração das peças técnicas do projeto de execução

Apesar de não termos participado diretamente na conceção da proposta deste espaço, os trabalhos por nós desenvolvidos foram: a elaboração do Plano de Trabalhos Preparatórios (Figura 21) e outros pequenos trabalhos de medição.

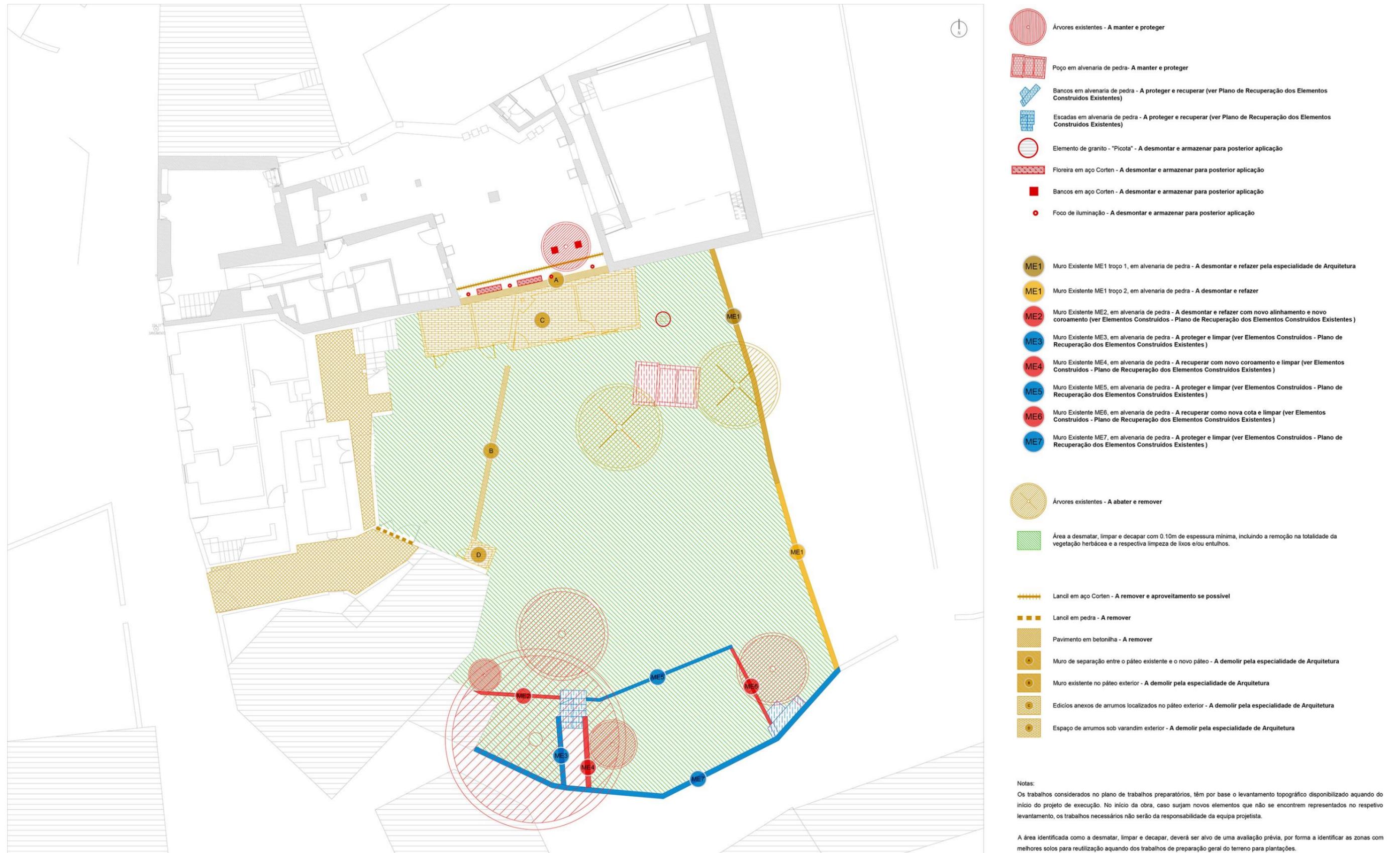


Figura 21 - Fundação Lapa do Lobo: Plano de Trabalhos Preparatórios

Elaboração do Projeto de Execução para a Requalificação da Frente de Mar de Salema e Burgau

Cliente: **Sociedade Polis Litoral Sudoeste**

Fase do Projeto: **Anteprojeto**

Este trabalho acontece em fase de Anteprojeto, visando a estabilização das ideias da fase de Estudo Prévio. Entretanto, foi necessário um esforço da nossa parte para a compreensão da proposta inicial para melhor auxiliar no desenvolvimento e estabilização das novas ideias.

Apesar de ser um processo único, este projeto divide-se em duas áreas distintas: uma na localidade de Burgau e outra na localidade de Salema, ambos pertencentes ao concelho de Vila do Bispo. Por este motivo a descrição das soluções serão individualizadas para cada área, visto que as soluções diferem. No entanto, o tópico de “trabalhos realizados e aprendizagem” será referente ao todo.

SALEMA

Os objetivos desta ação passam pela criação de condições para a qualificação da paisagem e conseqüentemente para a melhoria da sua vivência e usufruto pela população e visitantes, garantindo uma ligação de qualidade com o espaço envolvente. Pretende-se ainda a reabilitação e valorização do património ecológico e cultural.

A materialização destes objetivos passa pela:

- Criação de acesso pedonal e miradouro a Sul e Nascente, a partir do largo da escola primária e recuperação ecológica da área envolvente;
- Delimitação de parque de estacionamento automóvel com pavimento permeável, incluindo todas as infraestruturas necessárias e seu correto funcionamento e preservando, no possível, as espécies arbóreas existentes. Requalificação dos acessos viários e pedonais a partir da Rua 28 de janeiro;
- Requalificação do passeio marginal.
- Compatibilização da proposta do passeio marginal com a área de intervenção a Nascente já alvo de projeto.

O conceito assenta genericamente na uniformização e simplificação do espaço aberto.

Como podemos perceber, tratando-se de três áreas de intervenção geograficamente distintas, nomeadamente as áreas A, B e C, têm objetivos diferentes.

Na Zona A, o objetivo passará pela visualização e integração, ou seja, pela criação de condições para visualização da paisagem e integração dos elementos construídos.

Na Zona B, o objetivo de projeto passará pela requalificação do espaço público, nomeadamente ao nível de pavimentos e infraestruturas.

Finalmente na Zona C, o objetivo passará em primeiro lugar por afinar soluções construtivas, nomeadamente ao nível dos pavimentos. Deste modo, acredita-se que o espaço será mais fácil de ler e compreender, causando menos confusão ao utilizador; em segundo lugar passará pela devolução do espaço ao peão.

A proposta de requalificação da frente de mar de Salema terá como prioridade a criação de estacionamento e a ordenação dos lugares de estacionamento já existentes. Ao nível das circulações e estrutura viária, e tendo sempre em consideração a sazonalidade da concentração de fluxos populacionais, não se prevê nenhuma alteração de fundo mantendo-se as vias com as mesmas funções e sentidos direcionais.

No que diz respeito à circulação pedonal, esta assume um papel de grande destaque na proposta de intervenção, uma vez que se pretende devolver o espaço ao peão, em condições seguras e confortáveis. O peão terá primazia na maioria do espaço público, dado que em situações mistas de circulação, nomeadamente na Zona C, a circulação automóvel será limitada através do balizamento.

Zona A

Esta área de intervenção define-se como a formalização de um percurso, que de resto já existe em forma de caminho de “pé posto” (Figura 22).

A proposta assenta numa linguagem depurada e contemporânea, contrastante com a envolvente de arriba. A adoção desta linguagem mais ortogonal possibilita simultaneamente “agarrar” o percurso ao traçado já existente, evitando-se degradar mais a envolvente. Este passadiço desenvolve-se no sentido poente / nascente, terminando o seu desenho num miradouro com uma vista francamente ampla quer para o aglomerado de Salema, quer ainda para a praia da localidade.

A materialização deste elemento far-se-á, à semelhança de construções existentes (nomeadamente a escada de acesso à praia), através de materiais compósitos que simultaneamente respondem a questões ambientais mas também vão de encontro às expectativas de baixa manutenção por parte da C.M. de Vila do Bispo.

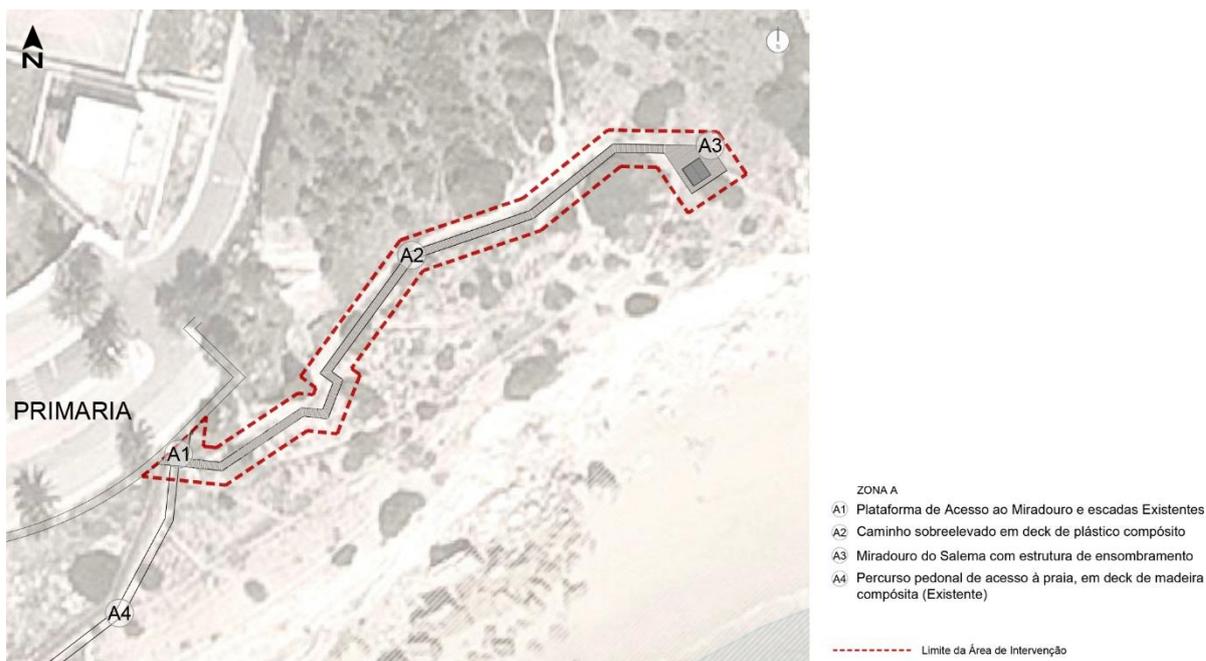


Figura 22 – Salema: Zona A – Miradouro

Esc: Sem escala

Do ponto de vista construtivo, e tendo em conta a heterogeneidade ao nível material do percurso existente, preconiza-se que este passadiço possa acontecer em forma de “deck”, agarrado ao terreno, ou em alternativa em estacaria, ligeiramente sobre-elevado com uma altura variável. A estrutura será formalizada em madeira de pinho tratado em autoclave, com classe de proteção IV, sendo que o acabamento final será em madeira e termoplásticos 100% recicláveis.

Salienta-se que, para o trajeto acontecer em segurança, é preconizada uma guarda no lado escarpado da arriba, que se materializa em prumos verticais de material compósito, interligados entre si por uma corda de sisal de 20mm, formalizando uma guarda inócua mas ao mesmo tempo eficaz na proteção do utilizador.

Por último destaca-se a zona de miradouro, formalizado num alargamento com zona de sombra. A pérgula proposta visa destacar o miradouro, tornando-o referencial quando visto a partir do aglomerado, possibilitando, simultaneamente, a estadia de forma mais confortável.

Zona B

A Zona B (Figura 23) define uma área com duas espacialidades distintas embora a mesma função, estacionamento. Um junto à Rua 28 de Janeiro, de carácter mais urbano. O outro menos marcado do ponto de vista construtivo.

A área de ligação à Rua 28 de Janeiro, será lancilada e pavimentada conformando as bolsas de estacionamento.

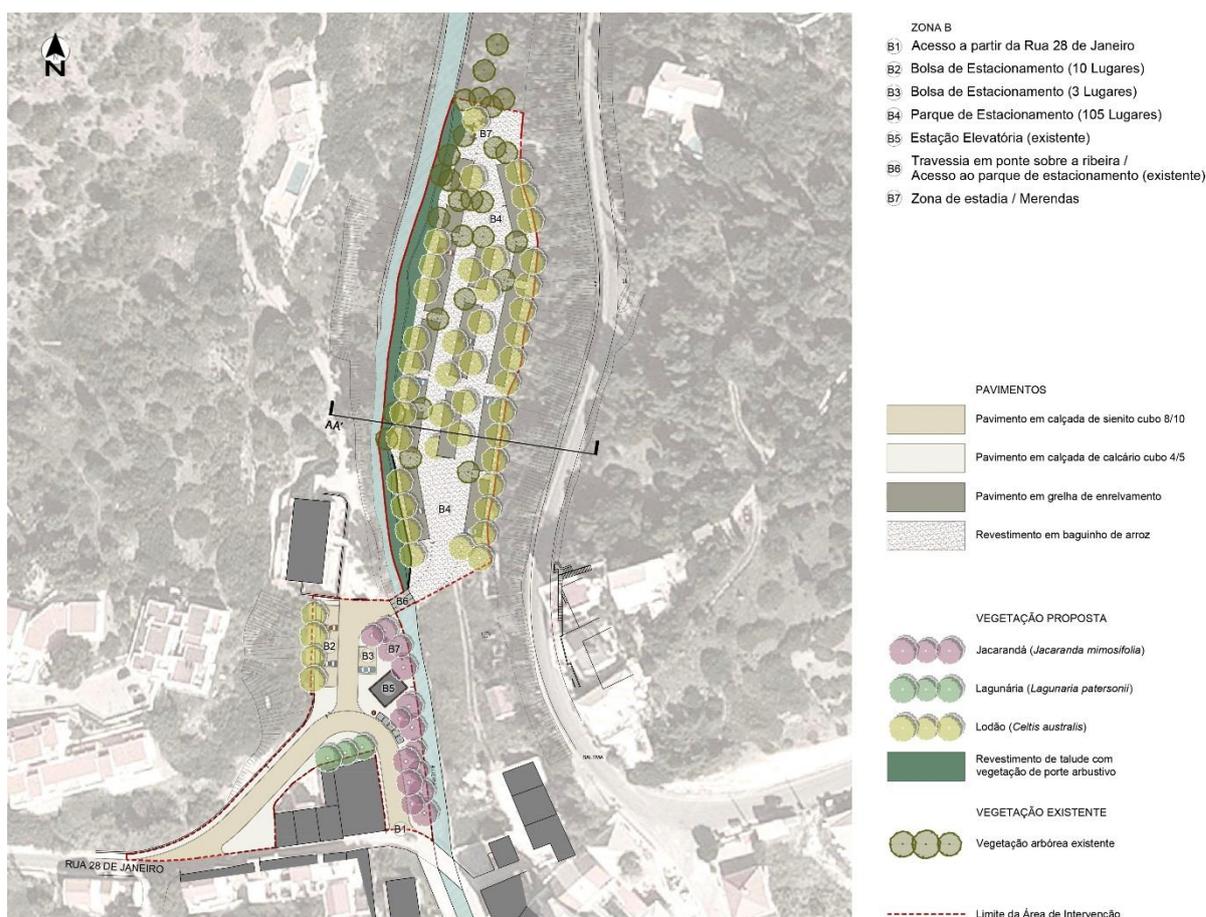


Figura 23 - Salema: Zona B - Parque de Estacionamento

Esc: Sem escala

Prevê-se o ensombramento do passeio de ligação do estacionamento à Rua 28 de Janeiro através da introdução de 10 novas árvores Lódãos. Desta forma amenizar-se-á este percurso tornando-o mais apetecível. Simultaneamente, prevê-se neste novo passeio a localização de uma ilha ecológica a instalar pela C.M. Vila do Bispo, não estando por isso incluída no presente projeto. Todavia, é importante que o trabalho de instalação desse elemento seja executado durante a empreitada, alvo deste projeto.

Também a estação elevatória será alvo de intervenção. Neste caso apenas se aplicará um biombo em material compósito, para que se minimize o impacto visual da infraestrutura.

Relativamente à área de estacionamento de maior capacidade, B4, preconiza-se a organização e formalização dos lugares de estacionamento de uma forma menos formal e rígida, adquirindo-se assim uma melhor integração. A capacidade de estacionamento, - 105 lugares - melhorará francamente o apoio à praia de Salema. Com a reestruturação deste parque prevê-se o reforço da estrutura arbórea, com introdução de 42 novos exemplares de árvores - Lódãos - tornando o parque de estacionamento um local mais ensombrado.

Ainda no desenho do parque de estacionamento, prevê-se a reformulação dos taludes junto à ribeira, que serão hidrossemeados para conferir melhor estabilidade.

A topografia do terreno será trabalhada de forma a existir uma pendente que encaminhe as águas para a linha de drenagem natural.

Do ponto de vista do material a utilizar, toda a plataforma de estacionamento terá acabamento com um inerte fino, baguinho de arroz, que assentará em cima de uma base de tout-venant. Os lugares de estacionamento são formalizados com grelhas pré-fabricadas em betão, preenchidas com brita nº3, conferindo grande permeabilidade. As marcações do estacionamento serão pintadas com tinta branca, provendo desta forma a durabilidade e baixa manutenção. Os lugares serão também anunciados com um balizador cravado no início da linha de estacionamento.

Refere-se, finalmente, que todas as infraestruturas (cabeamento telefónico e energia elétrica) da área B serão enterradas, contribuindo assim para a melhoria visual do espaço. Esta área será alvo de um novo estudo luminotécnico, onde se prevê a instalação de novas luminárias que farão a iluminação do espaço.

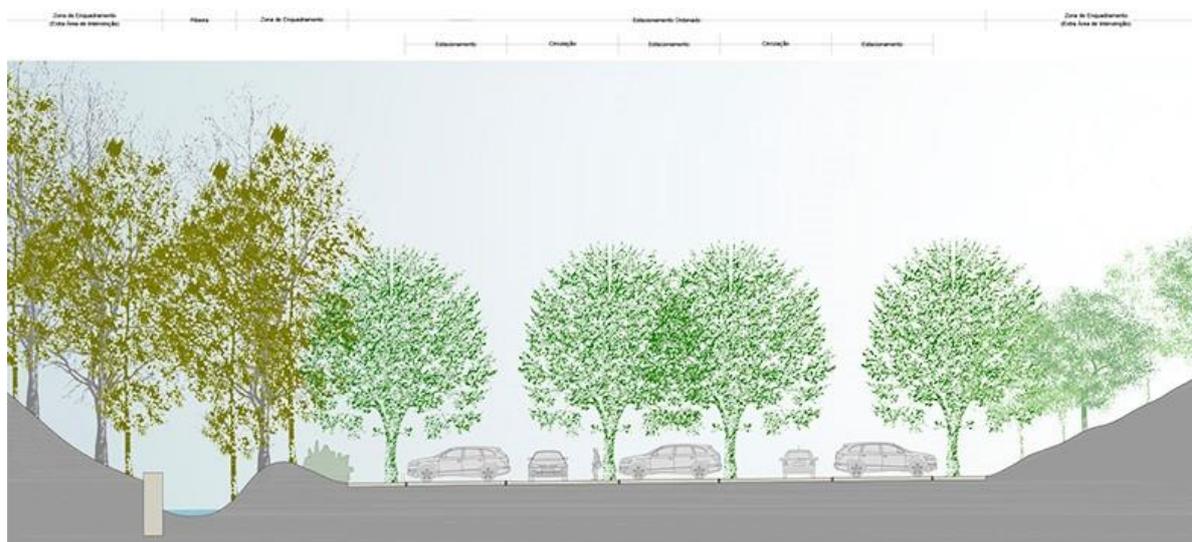


Figura 24 – Salema: Zona B - Corte

Esc: Sem escala

Zona C

A zona C compreende, no essencial, a Travessa do Miramar (Figura 25).

A proposta assenta no alargamento deste percurso, adotando uma linguagem minimalista, alargando-o, mas partindo do pressuposto do aproveitamento do percurso existente, usando-o como base para a repavimentação. Ou seja, o novo pavimento assentará em cima do existente, sendo



Figura 25 - Salema: Zona C - Passeio Marginal

Esc: Sem escala

apenas necessário executar um murete lateral de contenção à caixa. Esta solução apresenta as vantagens da integração das preexistências, bem como a subida de cota do passeio, tornando-o menos vulnerável ao avanço do areal. Propõe-se a pavimentação deste percurso com um material resistente e sem manutenção - o betão, sendo o pavimento atual em calçada. O acabamento preconizado para o betão terá de assegurar um elevado nível de aderência e conservação, propondo-se o acabamento talochado grosso.

Propõe-se a individualização das circulações, pedonal e automóvel, para isso criar-se-á um corredor de passagem para carros, através da introdução de balizadores. Desta forma ter-se-á a perceção de um único passeio onde o peão é soberano, mas também uma eventual utilização de carros de serviço e/ou urgência.

O passeio marginal será encarado como uma enorme área de estadia, por isso será equipado com mobiliário urbano adequado, nomeadamente bancos e papeleiras. Os bancos acontecerão ora com costas ora sem costas, serão em betão, de textura e cor idênticas às do pavimento, para que a linguagem permaneça depurada e de fácil apreensão. As costas dos bancos, em madeira e ferro, serão aplicadas na base inerte.

Destaca-se ainda um aspeto que se considera importante nesta nova intervenção, nomeadamente o reaproveitamento de calçadas retiradas para o assentamento do pavimento em betão, para repavimentação dos passeios.

Finalmente, é de referir que os equipamentos de iluminação existentes deverão ser reposicionados às cotas dos pavimentos, bem como todas as caixas de infraestruturas serão ser niveladas com a envolvente.

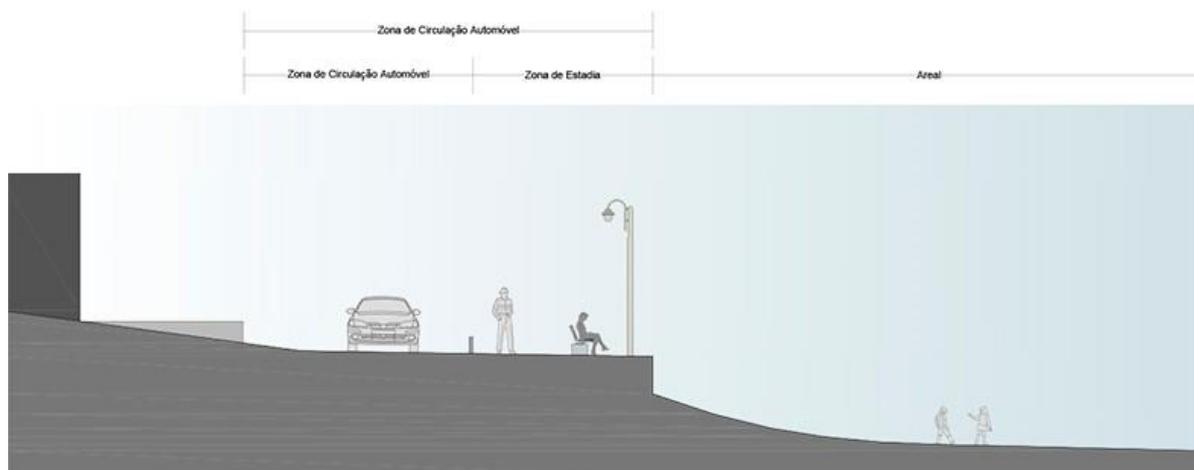


Figura 26 - Zona C - Corte

Esc: Sem escala

BURGAU

Os objetivos desta ação passam pela criação de condições para a qualificação da paisagem e, conseqüentemente, pela melhoria da sua vivência e usufruto pela população e visitantes, garantindo uma ligação de qualidade com o espaço envolvente. São ainda a reabilitação e valorização do património ecológico e cultural.

A materialização destes objetivos passa:

- Requalificação do caminho pedonal a partir da rampa de acesso ao mar (final da Rua 25 de Abril), ao longo da praia e até ao restaurante “Beach Bar”, incluindo retificação das condições de drenagem das águas pluviais e acessos pontuais ao areal;
- Requalificação da rampa de acesso ao mar e zona adjacente, no final da Rua 25 de Abril, conservando a sua estrutura e melhorando as condições de aderência superficial (acesso pedonal à praia) e regularizando o estacionamento e a zona de trânsito automóvel;
- Requalificação da Rua do Posto, incluindo a zona pedonal envolvente ao edifício da GNR;
- Requalificação do espaço público;
- Requalificação dos acessos pedonais e viários, bem como do passeio marginal, incluindo a requalificação da rampa de acesso ao mar;
- Requalificação do Largo dos Pescadores e miradouro;
- Criação de parque de estacionamento automóvel na zona assinalada

- Revisão do sistema de drenagem de águas pluviais desde o Largo dos Pescadores e miradouro, ao longo da Rua da Lota e muro de suporte contíguo, e novo Parque de Estacionamento.

O conceito assenta na uniformização do espaço aberto. Passa em primeiro lugar pela depuração de soluções construtivas nomeadamente ao nível dos pavimentos, desta forma acredita-se que o espaço será mais fácil de ler e compreender, causando menos confusão ao utilizador.

A proposta de requalificação da frente de mar de Burgau terá como prioridade a criação de estacionamento e a ordenação dos lugares de estacionamento já existentes. Ao nível da circulação e estrutura viária, e tendo sempre em consideração a sazonalidade da concentração de fluxos populacionais, não se prevê nenhuma alteração de fundo mantendo-se as vias, no essencial, com as mesmas funções e sentidos direcionais.

No que diz respeito à circulação pedonal, esta assume um papel de grande destaque na proposta de intervenção, uma vez que se pretende devolver o espaço ao peão, em condições seguras e confortáveis. O peão terá primazia na maioria do espaço público, dado que em situações mistas de circulação, nomeadamente no Largo dos Pescadores e no fim da Rua 25 de Abril, o veículo motorizado será subjugado pelo peão através da aplicação de lombas de redução de velocidade.

O passeio do Mar (Figura 27) constitui a ligação do largo da Rua 25 de Abril até ao restaurante “Beach Bar”. Atualmente este acesso é feito por um percurso que se encontra degradado, com problemas de drenagem e pouco confortável ao utilizador, sendo que o acesso ao areal não é facilitado.

A proposta assenta no alargamento deste percurso, adotando uma linguagem mais contemporânea, alargando-o, mas partindo do pressuposto do aproveitamento do percurso existente, usando-o como base para a repavimentação, ou seja, o novo pavimento assentará em cima do betão existente, sendo apenas necessário executar um murete lateral de contenção à caixa. Esta solução apresenta as vantagens da integração das preexistências, bem como a subida de cota do passeio, tornando-o menos vulnerável ao avanço do areal. Propõe-se a pavimentação deste percurso com um material resistente e sem manutenção, o betão. O acabamento preconizado para o betão terá de assegurar um elevado nível de aderência e conservação do aspeto estético, sendo que para isso desde já se prevê o acabamento talochado grosso.

A adoção de uma linguagem mais contemporânea e adequada à intervenção que agora se projeta, apresenta ainda a mais-valia de um desenho com amplas áreas, dando assim origem a pequenas bolsas que formalizam áreas de estadia equipadas, para apoio aos banhistas. Estas áreas contam com



Figura 27 – Burgau: Passeio do Mar

Esc: Sem escala

bancos de betão, de textura e cor idênticas às do pavimento, para que a linguagem permaneça depurada e de fácil apreensão.

Propõe-se ainda para esta área, a instalação, junto às áreas de estadia, de pontos de recolha seletiva de lixo e de resíduos indiferenciados.

É importante também referir a criação de acessos ao areal a partir do passeio, um primeiro em escada, prolongando a escada do largo da Rua 25 de Abril, e já ao longo do passeio, e um segundo acesso em rampa, facilitando a acessibilidade a pessoas de mobilidade condicionada. Existem ainda mais três pontos de acesso em escada, distribuídos de forma a servirem a frente de areal homogeneamente.

As condições de drenagem sofrem também melhoramentos, nomeadamente pela introdução de uma valeta entre o novo passeio e a arriba. A recolha da água será feita ao longo da valeta sendo recolhida em sumidouros e encaminhada para a praia.

O largo da Rua 25 de Abril (Figura 28) é hoje em dia um espaço confuso, desconfortável e onde o peão é relegado para segundo plano.

No novo desenho deste espaço adotam-se as tipologias e funções já existentes, nomeadamente estacionamento, a circulação automóvel e um estaleiro de apoio à pesca artesanal.

A manutenção do estaleiro de apoio à pesca artesanal é, na nossa opinião, uma mais-valia, pois mantém o carácter pitoresco do local preservando a sua memória e sua utilização.

A intervenção neste largo passa em primeiro lugar pela homogeneização dos pavimentos, uniformizando todo o embasamento horizontal. Para isso e para que se possam melhorar as condições de aderência, adotar-se-á um pavimento em calçada de sienito, - também conhecida como calçada azul -, cubo 10/10, que será assente à fiada perpendicularmente ao sentido descendente. Em segundo lugar, e para que seja possível devolver o espaço ao peão propõe-se o ordenamento da circulação e estacionamento automóvel através de balizadores.

A ligação ao areal e à rampa de acesso ao mar é também facilitada pela introdução de uma escada no limite poente do largo. Este acesso permite ao peão descer confortavelmente até ao Passeio do



Figura 28 – Burgau: Largo da Rua 25 de Abril

Esc: Sem escala

Mar. Simultaneamente, com a criação desta escada, eliminam-se as construções existentes no espaço, - supostas escadas mal projetadas - que causam confusão e são de pouca utilidade, nomeadamente os muros, muretes e socalcos existentes.

O melhoramento das condições de drenagem superficial e de iluminação são também essenciais para o aumento de conforto do espaço. A drenagem é efetuada transversalmente ao largo, com grelhas de recolha, ligadas a uma nova rede de pluviais, que por sua vez ligará á praia. Esta ação permitirá reduzir o escoamento superficial, melhorando desta forma a aderência do pavimento e as condições de segurança. No que respeita à iluminação far-se-á um reforço e alterar-se-á a localização das luminárias. Os aparelhos existentes serão substituídos por luminárias novas, de linguagem contemporânea, condizente com a nova intervenção. Preconiza-se desde já o enterramento das infraestruturas aéreas, nomeadamente iluminação, rede de baixa tensão e telecomunicações.

Prevê-se, também, a introdução de mobiliário urbano, bancos e papeleiras que tornarão o espaço mais polivalente e funcional.

A Rua do Posto (Figura 29) é um dos pontos de miradouro privilegiados desta localidade; justifica-se, por isso a melhoria das condições de uso do espaço, através da criação de um embasamento uniforme que confira textura e escala a este percurso é uma das premissas que se pretende cumprir

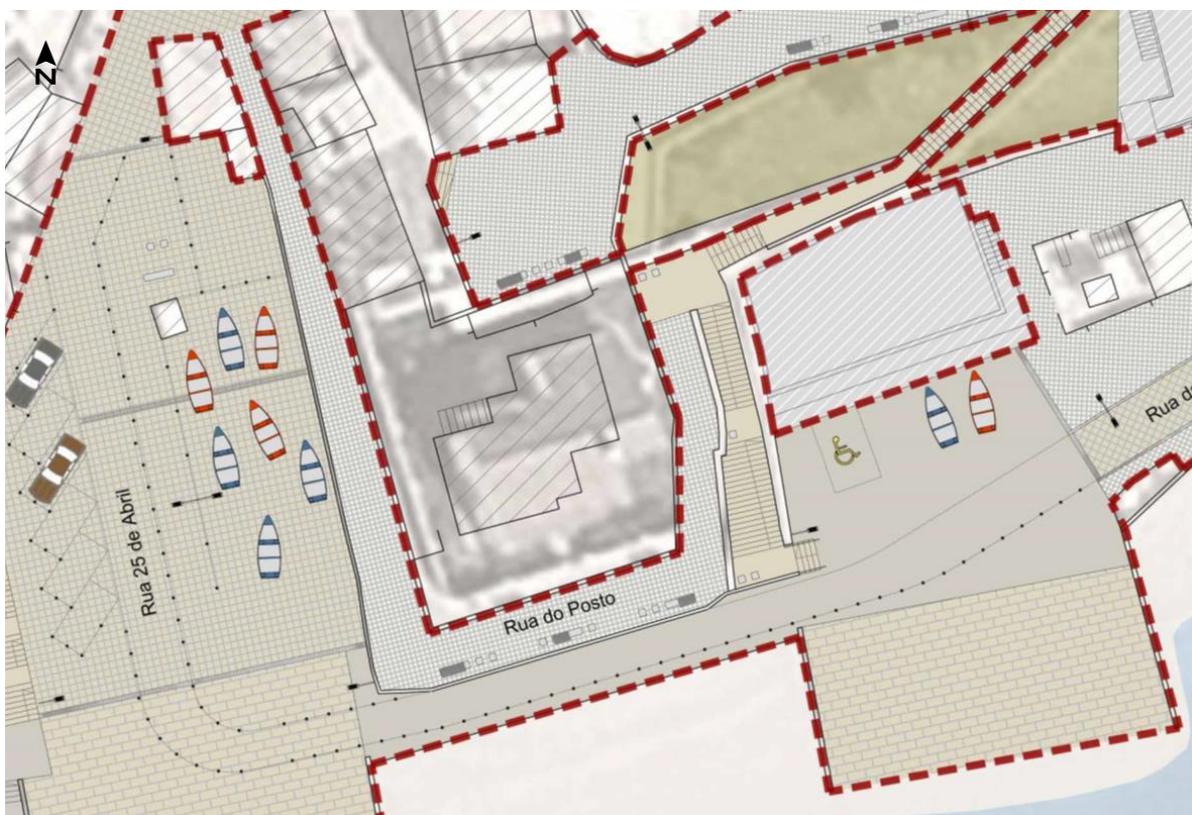


Figura 29 – Burgau: Rua do Posto

Esc: Sem escala

com as soluções adotadas. Assim, propõe-se o pavimento em calçada de sienito cubo 5/5 assente à fiada perpendicular ao muro lateral do antigo posto da guarda-fiscal. Este arruamento apresenta também condições de drenagem deficientes; de forma a resolver este problema adotar-se-á um sistema de drenagem superficial, ligado a um novo coletor.

Outra ação que se considera necessária é a melhoria do mobiliário urbano. Este espaço é por excelência um local de contemplação. Sugere-se, por isso, a introdução de novos equipamentos mobiliários que confirmem um maior conforto, sobretudo ao nível dos bancos, que se querem na sua maioria com costas, e de novas papeleiras.

A Rua do Posto é definida pelo muro-guarda que a limita. Por isso, e porque se entende importante incluir este muro na requalificação, preconiza-se a pintura deste elemento e da respetiva guarda.

A Rua do Miradouro (Figura 30) é também um ponto de dominância sobre a praia de Burgau, consequência da sua altitude elevada em relação à envolvência, e por consequência, favorecido na visualização da paisagem.

A intervenção na Rua do Miradouro passará em primeiro lugar pela proibição da circulação automóvel a partir do Largo dos Pescadores, passando este percurso a ser exclusivamente pedonal.

Para a sua repavimentação prevê-se a aplicação de calçada de sienito cubo 5/5; desta forma enquadrar-se-á na restante intervenção, fazendo com que todo o espaço de intervenção tenha uma linguagem una.

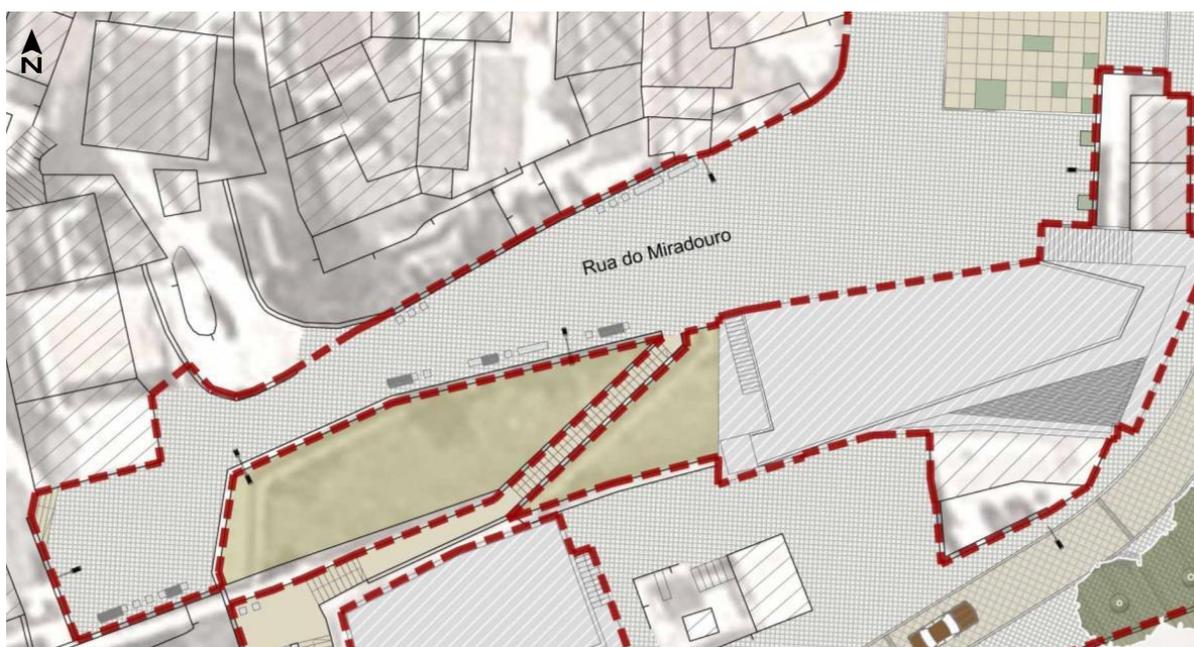


Figura 30 – Burgau: Rua do Miradouro

Esc: Sem escala

No limite poente deste arruamento prevêem-se duas ações que se consideram importantes para a requalificação do espaço: a demolição do muro floreira e a sua substituição por um muro que servirá simultaneamente de guarda e de banco; a subida de cota, através da introdução de mais dois degraus, no alargamento no extremo poente do arruamento, diminuindo a acentuada inclinação que se faz sentir.

Também aqui o mobiliário urbano tem uma importância fundamental na vivência do espaço. Assim, introduzir-se-ão novos bancos pensando toda a rua como uma grande área de estadia e miradouro.

Destaca-se ainda a reestruturação, à semelhança do largo da Rua 25 de Abril, da rede de iluminação bem como a criação de uma rede de drenagem superficial.

As infraestruturas aéreas serão, na medida do possível, enterradas valorizando o espaço ao retirar elementos que tornam confusa a leitura do espaço.

O Largo dos Pescadores (Figura 31) resulta do encontro da Rua da Praia com a Rua do Miradouro e é, hoje em dia, um local de estacionamento.

A requalificação desta área pressupõe antes de mais a demolição do restaurante “A Barraca” e a sua realocação devolvendo esse espaço ao peão. Para isso, a circulação automóvel e respetivo

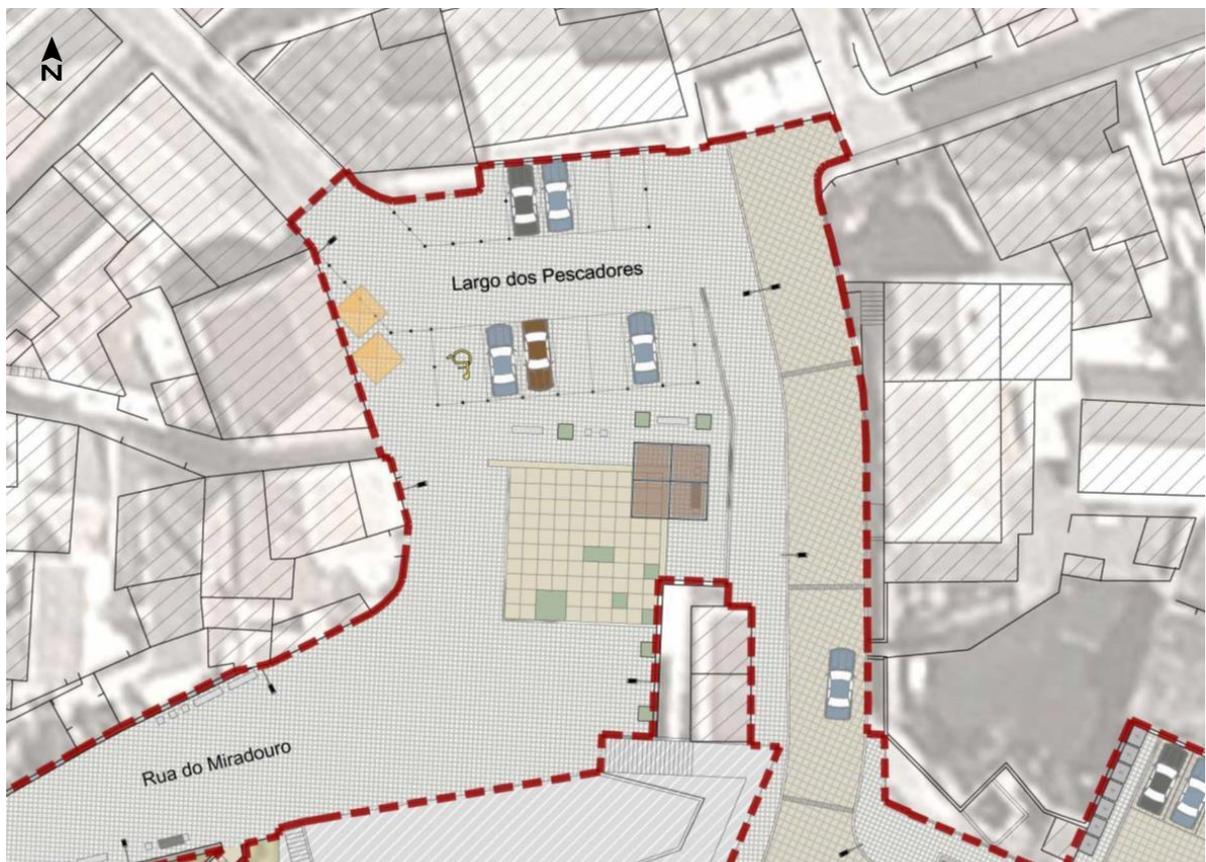


Figura 31 – Burgau: Largo dos Pescadores

Esc: Sem escala

estacionamento serão balizados e concentrados no limite norte do largo. Prevê-se a criação de 12 lugares de estacionamento perfeitamente marcados, um dos quais destinado a pessoas com mobilidade condicionada.

Para a assunção do largo, e na nossa opinião, é fundamental criar uma centralidade vocacionada para o estar, para o lazer. A “Praça dos Pescadores” vem responder a este anseio, dotando o Largo de um espaço de estadia com ensombramento, individualizado da circulação automóvel e virado para o mar. Esta praça funciona a uma cota inferior, com um degrau periférico, proporcionando uma situação de encaixe, ao mesmo tempo que confere uma sensação de proteção. Este degrau permite ainda sentar aumentando a capacidade da praça e a sua polivalência. Pequenas áreas plantadas, ora em canteiro, ora em floreiras quebram a dureza do inerte, dando textura e cor ao espaço, animando-o e criando diversidade.

A pérgula formaliza a zona de estar, por excelência, à sombra, com bancos com costas, a um nível superior, com vista para a envolvente.

Ao nível dos pavimentos, naturalmente continuar-se-á a solução utilizada na Rua do Miradouro, a calçada de sienito em cubo 5/5 e balizadores. Esta calçada será utilizada inclusive na circulação automóvel, obviamente com uma caixa reforçada, permitindo desta forma afirmar com mais clareza que o carro é o elemento exterior e portanto menos importante. Na “Praça dos Pescadores”, utilizar-se-á um pavimento em laje de sienito, mais confortável, mantendo, no entanto, a cor apenas trocando a textura.

Todo o Largo será dotado de uma nova rede de iluminação implementada de forma a conferir níveis de conforto elevados. A drenagem será revista, sendo criada uma rede superficial e uma nova rede subterrânea de recolha.

Todas as infraestruturas aéreas serão examinadas e enterradas. O equipamento mobiliário a usar, idêntico ao proposto para a restante área, adequa-se à imagem de contemporaneidade que se quer transmitir.

A Rua da Lota (Figura 32) liga o Largo dos Pescadores às cotas mais baixas da localidade, junto ao novo edifício de apoio à pesca artesanal.

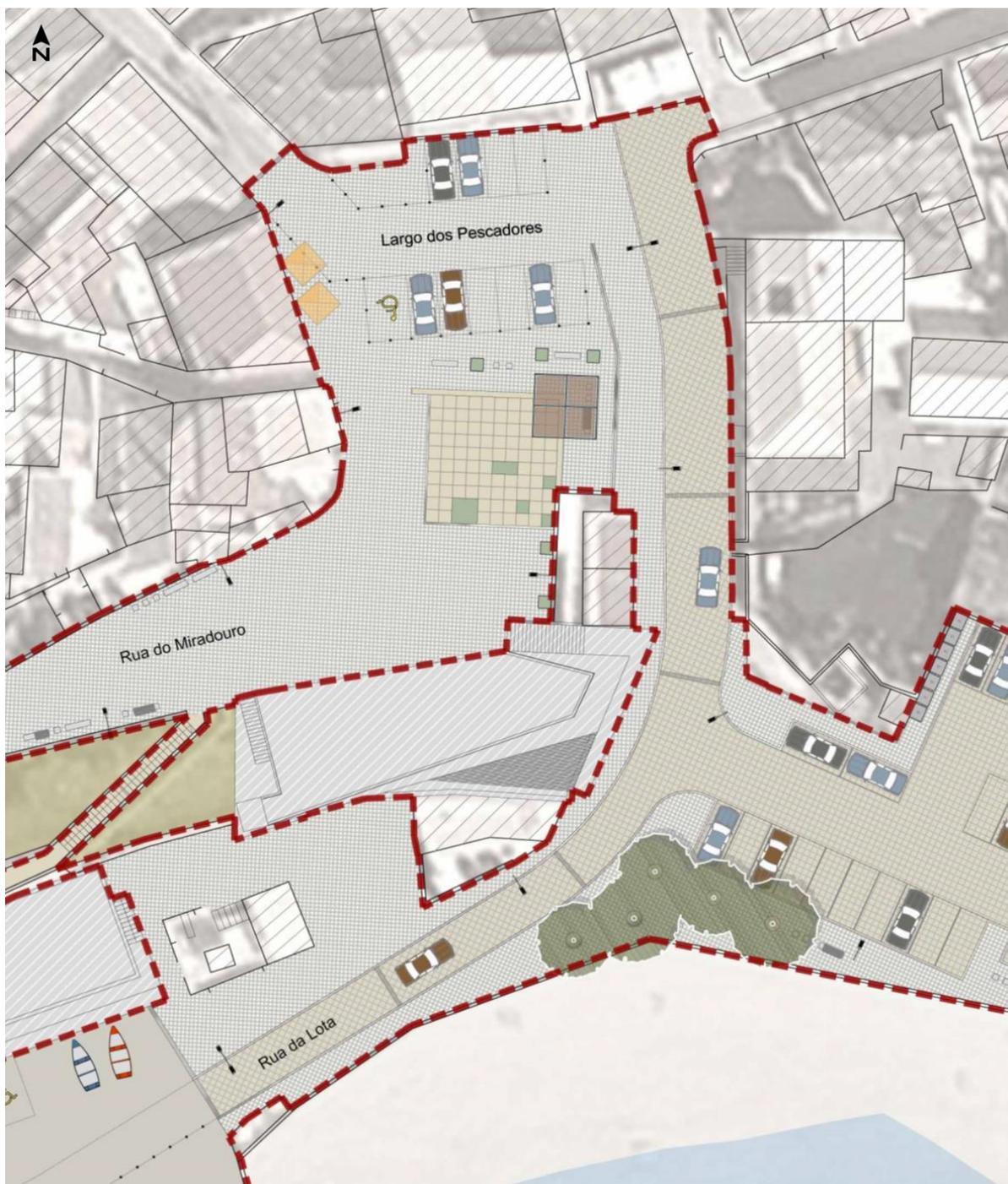


Figura 32 – Burgau: Rua da Lota

Esc: Sem escala

Este arruamento sofreu uma realocação do seu eixo. Desta forma passou a ser possível integrar um passeio desde o Largo dos Pescadores até junto do novo edifício de apoio à pesca artesanal. Terá dois sentidos até ao parque de estacionamento P2, ou seja, terá 5m de largura, sendo que daí para a Rua da Lota terá apenas sentido ascendente, com 3.5m de largura.

O arruamento será lancilado lateralmente com lancis de sienito e a faixa de rodagem será materializada em calçada de sienito, cubo 10/10, assente em espinha. Será provido de drenagem superficial, através de grelhas de ferro fundido aplicadas transversalmente.

Os passeios laterais serão em calçada de sienito cubo 5/5.

Todo o arruamento será alvo de uma nova iluminação que garanta os níveis de luz adequados ao conforto e segurança de peões e veículos.

O estacionamento da Rua da Lota (Figura 33) é atualmente a maior zona de estacionamento no limite sul deste aglomerado. No entanto, por não estar pavimentado, não existem marcações, o que origina um estacionamento desordenado e um subaproveitamento do espaço.

A intervenção nesta área passa pela definição e organização dos lugares de estacionamento, prevendo-se 35 lugares.

O desenho adotado configura alargamentos junto ao muro sobranceiro à praia, permitindo a criação de áreas de estadia ensombradas por vegetação de porte arbóreo (pinheiro manso), e dotadas de mobiliário urbano adequado (bancos com costas). Estas áreas constituem um apoio importante ao parque de estacionamento mas, simultaneamente, tiram partido da magnífica vista sobre a praia do Burgau.

Ao nível dos pavimentos utilizar-se-ão as calçadas de sienito cubo 10/10 e 5/5, para circulação automóvel e pedonal, respetivamente. A marcação dos lugares será efetuada com uma linha de calçada de calcário em cubo 11/11.



Figura 33 – Burgau: Parque de Estacionamento da Rua da Lota

Esc: Sem escala

Todo o parque de estacionamento terá um sistema de drenagem superficial que ligará ao coletor existente.

Prevê-se ainda que toda a área de estacionamento seja iluminada. Assim, e na sequência da restante intervenção utilizar-se-ão luminárias a 6m, que proporcionarão níveis satisfatórios de luz.

Para o restaurante “A Barraca” (Figura 34), é importante referir que o presente projeto assenta no pressuposto da demolição do atual restaurante “A Barraca”, e na sua realocação conforme orientação da C.M. de Vila do Bispo.



Figura 34 – Burgau: Localização do novo restaurante "A Barraca"

Esc: Sem escala

A presente intervenção, alvo deste processo, não contempla quaisquer demolições afetas ao atual restaurante, nem à sua nova localização. São, por isso, da responsabilidade do concessionário todas as demolições, reconstruções, proteções e compatibilizações que sejam necessárias executar para que exista um perfeito ajuste com a nova intervenção envolvente. Referir, por último, que se considera no presente projeto a construção, com localização a aferir com a C.M. de Vila do Bispo em fase de projeto de execução, de um novo murete com pré-instalações de infraestruturas, nomeadamente, abastecimento de água e energia elétrica. Desta forma salvaguardam-se situações de ligações posteriores à conclusão desta empreitada, evitando repavimentações.

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem

A fase de Anteprojeto busca o aperfeiçoamento da fase de Estudo Prévio, afinando com o máximo rigor as intenções de desenho para que na fase seguinte, de Projeto de Execução e na execução da obra, não hajam erros de cálculos e outras omissões de projeto. Para isto, é necessário ter uma base confiável fornecida pela entidade promotora.

Neste projeto houve muitos problemas. Em ambas as áreas, a base fornecida encontrava-se planimétrica e altimetricamente desatualizada. Existiam omissões de novas intervenções, a representação de escadas e degraus não se encontrava correta e, por vezes, era omissa. Existiam, também entre outras, omissões no levantamento dos elementos arbóreos e nas suas respetivas caldeiras, as curvas de nível tinham equidistância de 1.00m, quando deveriam ter equidistâncias de 0.20/0.25m.

Logicamente, como ainda não temos experiência suficiente e temos pouco contato com o mundo profissional, estas informações sobre a base de dados assustaram-nos. Mas, segundo os colaboradores, isso acontece com alguma frequência e, nesta fase de Anteprojeto, esses erros e omissões podem ser atualizados com base em fotografias aéreas e pelo Google Street View. Pode-se também alertar a entidade promotora dos problemas encontrados e solicitar a disponibilização uma nova base de dados para a fase de Projeto de Execução.

A fase de Anteprojeto foi quase uma novidade, pois nos projetos académicos centramo-nos do Estudo Prévio e logo a seguir, no Projeto de Execução. No entanto, foi muito interessante analisar a primeira proposta e ajudar a equipa a tentar encontrar uma solução para as questões colocadas pela entidade promotora.

Os trabalhos por nós desenvolvidos foram o Plano de Trabalhos Preparatórios; Cortes e Alçados das áreas de percurso avaliando a escala em relação ao peão para melhor obtenção de conforto nas áreas de estadia; medições de muros e contabilização de mobiliário urbano e de iluminação para preparação do Mapa de Quantidades e Orçamento; também foi feito um primeiro estudo do passadiço e “deck” para avaliar a sua melhor dimensão e posição, valorizando a vista para o mar e para a Vila.

Requalificação e Valorização do Espaço Urbano da Zambujeira do Mar

Cliente: **Sociedade Polis Litoral Sudoeste**

Fase do Projeto: **Projeto de Execução**

Este trabalho acontece em fase de projeto de execução, processo este já trancado a nível de ideias, apenas para elaboração das peças técnicas para obra. Foi necessário um esforço de nossa parte para a compreensão da proposta, com o objetivo de melhor auxiliar nos planos efetuados.

Aspetos gerais

O espaço objeto do trabalho, que agora se apresenta, localiza-se na vila de Zambujeira do Mar, concelho de Odemira.

Importa salientar que os aspetos gerais aqui descritos são transversais à solução global que abrange a totalidade da intervenção, tanto as áreas A1 (que abrange desde o Largo da Capela da Nossa Senhora do Mar, o Largo Miramar até a Área Sul da Avenida da Praia) e A2 (Jardim da Zambujeira do Mar) como a área A3 (Zona interna do espaço urbano). Esta apresentação assume-se desta forma dado que a intervenção foi pensada funcionalmente como um todo, embora possa e esteja adaptada para a separação em áreas autónomas.

O conceito assenta na assunção e valorização primordial de dois eixos fundamentais na referenciação e vivência do núcleo urbano da Vila, o eixo marginal Norte-Sul constituído pela Avenida da Praia, e o eixo nascente-poente constituído pela Avenida Miramar até ao Jardim da Zambujeira que se pretende requalificado. Este bloco, de configuração em “T”, deverá ser predominantemente direcionado para uma utilização pedonal (circulação e estadia), com elevada capacidade de carga. Neste bloco, a circulação viária deverá ser interdita e limitada a serviços de emergência (na Avenida Miramar), e atenuado o impacto da inevitabilidade de circulação de sentido descendente da Avenida da Praia, através da formalização e materialização do corredor viário numa forma que contribua para a sua dissimulação, tornando-se evidente a supremacia do peão relativamente ao veículo.

A proposta de requalificação e valorização da Zambujeira do Mar assentará em grande parte na reorganização do espaço urbano ao nível das circulações e estrutura viária, tendo sempre em consideração a sazonalidade da concentração de fluxos populacionais.

No que diz respeito à circulação pedonal, esta assume um papel de grande destaque na proposta de intervenção, uma vez que se pretende devolver o espaço ao peão, em condições seguras e confortáveis. O peão terá primazia na maioria do espaço aberto público, dado que em situações

mistas de circulação, o veículo motorizado será subjugado pelo peão através da aplicação de mecanismos de redução de velocidade.

Relativamente à estrutura viária, esta poderá ser dividida em três tipologias: vias distribuidoras principais; vias distribuidoras de acesso local; e, por fim, vias de trânsito proibido, exceto residentes, cargas e descargas.

A Avenida e o Largo Miramar (Figura 35) são as zonas onde se localizam a maioria de bares e restaurantes, dotando este espaço de grande dinâmica e vivência, principalmente nos meses de Verão, tornando-o num polo de grande atividade económica para a Vila.

Atualmente, estes espaços apresentam uma imagem caótica, desorganizada e bastante heterogênea. Pretende-se assim, disciplinar o espaço e criar uma imagem que seja coerente e transversal para a zona de esplanadas da Zambujeira do Mar, através da sugestão de uma linha de mobiliário a utilizar pelos diferentes proprietários e concessionários de serviços de restauração.

Tomando como referência o principal eixo pedonal da Avenida Miramar, considera-se que as áreas de esplanada não devem ser demarcadas por diferenciação material ou assunção de desenho de pavimento específico, quer pela sazonalidade de ocupação, que em época alta evidenciaria um subdimensionamento relativamente às necessidades instaladas, quer em época baixa, onde mostraria uma base sobredimensionada relativamente à procura esperada, que vincaria uma base desenhada no pavimento à qual não estaria associado qualquer uso, com inegável prejuízo para a leitura do espaço como um todo.



Figura 35 – Zambujeira: Largo Miramar

Esc: sem escala

Por outro lado, as inclinações detetadas neste arruamento não evidenciam, numa primeira análise e com base nas incompletas bases topográficas disponíveis ao momento, situações que requeiram estruturas sobre-elevadas que permitam o nivelamento por forma a garantir um conforto de utilização, que aparentemente se conseguirá adotando uma base única pavimentada.

Assim sendo, a polivalência e abrangência de usos devem ser fomentadas, através da delimitação das áreas de esplanada apenas pela definição/organização das estruturas de ensombramento (chapéus-de-sol) que serão devidamente localizados e disciplinados através de elementos embutidos no solo que permitirão a sua fixação no pavimento e, caso se verifique necessário, através da limitação das áreas máximas de ocupação com o recurso a pequenos elementos metálicos igualmente inseridos no pavimento. Assim, estes elementos no pavimento permitirão a distribuição organizada das esplanadas, apresentando-se perfeitamente inócuos em períodos de menor afluência à Vila.

O Largo Miramar (Figura 35) caracteriza-se pelo despojamento ao nível da vegetação e pela “aridez” que transmite; deste modo, e porque pretendemos contrariar estas duas características que atualmente se evidenciam, propõem-se um alinhamento de três Jacarandás devido à sua morfologia e destaque pela cor das suas flores, que associados a um conjunto de bancos, permitirão atribuir escala e criar novas ambiências, por oposição à “limpeza” que o restante largo terá e que permitirá a ocupação ordenada por parte das esplanadas.



Figura 36 - Zambujeira: Área Sul da Avenida da Praia

Esc: sem escala

A Avenida da Praia (Figura 36) surge como a marginal da Zambujeira, com uma vista privilegiada sobre o mar.

O principal objetivo desta proposta, consiste em devolver esta avenida à fruição do transeunte, através do perfilamento da via de circulação automóvel, que deverá apresentar apenas o sentido descendente de circulação, por forma a restituir maior área para o que se considera a marginal pedonal, dotada de mobiliário e equipamento urbano que possibilite a estadia sob o alinhamento de Araucárias. No topo Norte da Avenida, tal como referido anteriormente, serão suprimidas as bolsas de estacionamento existentes, junto à Capela de Nossa Senhora do Mar, por forma a proporcionar um passeio de maiores dimensões que permita reforçar a junção destes espaços de estadia e circulação pedonal.

Ao nível do estacionamento serão considerados alguns lugares de estacionamento restritos a cargas e descargas, táxis e entidades de segurança pública ao longo da Avenida, para além de um número reduzido de lugares comuns para estacionamento automóvel. Para além destes locais de paragem/estacionamento referidos, é considerada uma bolsa que permita a paragem temporária para tomada e largada de passageiros, localizada na curva da Av. da Praia, no alargamento junto ao acesso em escada à praia da Zambujeira.

Ao longo da via automóvel, foi considerada a possibilidade de elevar uma faixa de passeio com cerca de 1.00m de largura, perfeitamente balizada, por forma a facilitar a eventual circulação de veículos de emergência. Considera-se estritamente proibido o uso desta faixa para paragem e estacionamento de automóvel.

No ponto mais a Sul da Avenida da Praia, existe um pequeno alargamento que permite um ponto miradouro sobre a praia e o acesso à praia dos Alteirinhos. Atualmente é contido a Sul por um muro e confronta diretamente com a via automóvel. Embora no processo de Estudo Prévio este espaço esteja omissa e exista a indefinição sobre a propriedade deste espaço (se é público ou privado), na análise e no desenvolvimento da proposta da Avenida da Praia entendemos que esta zona carece de um desenho que participe na proposta, bem como, reconhecemos características neste espaço que merecem ser evidenciadas. Desta forma a presente proposta propõe a reformulação do muro existente com uma configuração que se relacione com a intervenção na envolvente, mais concretamente o alargamento do acesso à praia e o ponto miradouro e também por questões técnicas de estabilidade da estrutura atualmente existente. Nesta mesma área, a transição entre a Avenida da Praia e a Travessa da Ribeira acontece com inclinações acentuadas, pelo que uma ligação mais imediata em escada que articule este ponto miradouro e no término da avenida e o acesso às praias, por via da localização proposta para o novo Apoio de Praia, faz-nos sentido no plano de mobilidade pedonal. Se bem que continuará a existir o acesso de nível por via do passeio e do passadiço que lhe dá continuidade até às cotas mais baixas da Avenida da Praia.

O Jardim da Zambujeira passa a assumir-se como elemento referenciador no contexto da Vila. A intenção da sua articulação com o eixo pedonal da Avenida Miramar, no intuito de passarem a ser entendidos como um todo, requer a adoção de uma nova escala e de um novo desenho, que entram em rotura com a solução atual. O conceito subjacente à presente proposta expressa-se e materializa-se na adoção de um desenho que serve de base à nova conformação deste espaço. Um desenho que contraria as direções dominantes de orientação Nascente-Poente sugeridas pelos alinhamentos de Araucárias e canteiros associados. Um desenho que ajuda na definição das áreas plantadas, no entendimento das novas e amplas áreas de estadia, na possibilidade de novas direções para o olhar que se tornará mais abrangente, mais participativo. A sombra, naturalmente proporcionada pelos elementos arbóreos existentes, é potenciada pelas diferentes estruturas de ensombramento que diversificam as possibilidades de estar.

Funcionalmente pretende-se para este espaço, o incremento da utilização pedonal (estadia e circulação) pela supressão quase completa da circulação e estacionamentos atuais e pela introdução de um significativo número de elementos de mobiliário urbano que promovem a estadia. Os bancos

corridos, associados às áreas plantadas, geram uma sucessão de planos que se alternam e permitem a noção de que é possível neste Jardim, um interior mais recatado e um exterior mais movimentado, numa dualidade de opções que incrementa a possibilidade de escolha do utente.



Figura 37 - Zambujeira: Imagem fotorealista do Jardim da Zambujeira

Na reabilitação deste espaço, mais concretamente do espaço de Jardim e da zona envolvente ao Posto de Turismo (Figuras 37 e 38), pretende-se criar um espaço uno, que promova uma ligação franca e que permita uma leitura do espaço como um todo, quer na linguagem quer na vivência. Esta ligação apenas é interrompida pelo atravessamento viário

da ligação da Rua da Escola com a Avenida Miramar, ligação esta que se estabelecerá por meio de um balizamento efetivo, não quebrando a continuidade transmitida pela base num pavimento único. No espaço mais a Poente da envolvente do Posto de Turismo, propõe-se um conjunto de quatro Jacarandás em alinhamento e que surgem associados a zonas plantadas com manchas arbustivas, que definem zonas de estadia e encontro junto a um equipamento que alberga funções de suma importância para a vivência do espaço público da vila.

De igual importância para a vivência do espaço jardim e da sua envolvente, propõem-se e criam-se condições para que em determinados pontos, próximos de estabelecimentos de restauração, as áreas de esplanada definidas como apoio a estes estabelecimentos aconteçam nos limites do jardim.

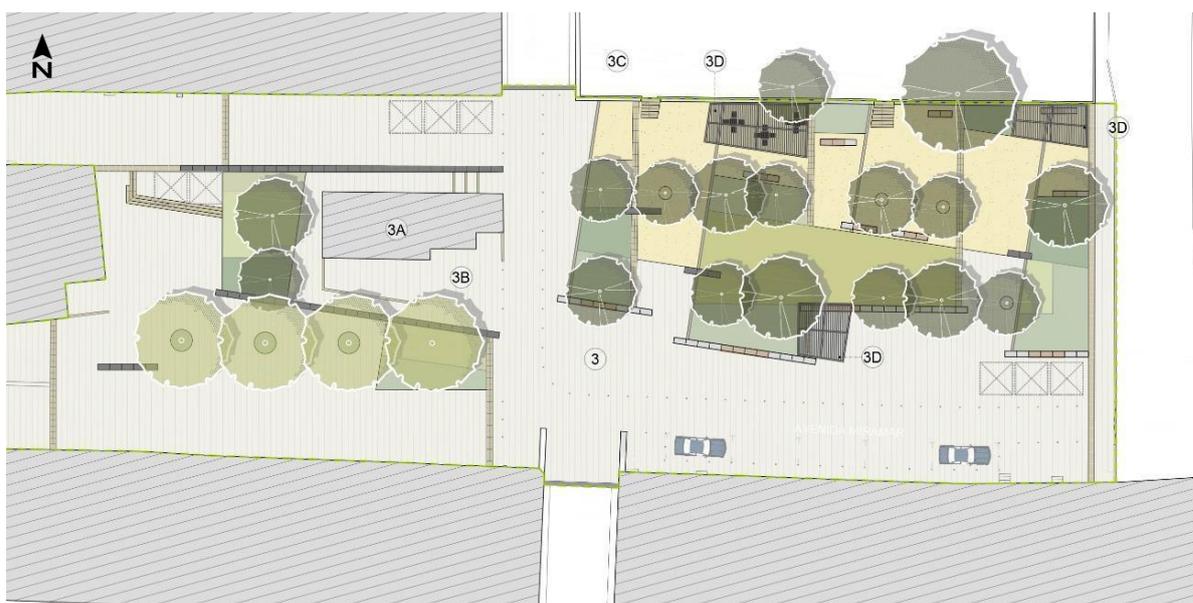


Figura 38 - Zambujeira: Jardim da Zambujeira - Planta

Esc: sem escala

Esta localização proposta para as esplanadas neste espaço irá permitir uma maior diversidade vivencial deste espaço de encontro da vila permitindo, ao mesmo tempo, que os estabelecimentos comerciais possam contar com áreas de esplanada que, pela revisão do sistema viário, lhes seriam impossibilitadas. As esplanadas acontecem no início da Avenida Miramar e na Rua do Mercado junto ao Posto de Turismo.

Ao nível da vegetação, a proposta assenta apenas na introdução de plantas de porte arbustivo e herbáceo, dado que as Auracárias pré-existentes se definem imponentes e icónicas para este espaço jardim. Assim, a proposta assenta na criação de uma área central relvada, com dimensão para acolher e proporcionar atividades lúdicas diversas ou tão-somente o estar, contemplar e fruir o espaço por si só. Esta área “clareira” definida pela área de relvado é envolta por áreas de maciços arbustivos, que encerram e protegem o espaço interior, da mesma forma que definem o carácter de jardim introduzindo diversidade florística, cor e sazonalidade. A ocorrência destas manchas arbustivas, associadas às estruturas de ensombramento, permite criar diferentes subespaços que permitem alguma privacidade aos utilizadores deste jardim. De referir que as espécies arbustivas e herbáceas preconizadas nas plantações destes espaço apresentam características morfológicas que lhes permitem uma boa adaptação às condições edafo-climáticas da região, no sentido de se conseguirem taxas de sucesso e de crescimento elevadas com custos mínimos de manutenção.

No Largo da Capela da Nossa Senhora do Mar (Figura 39), dada a impossibilidade de se propor a reformulação do principal miradouro existente na Vila, a presente proposta pretende fomentar a



Figura 39 - Zambujeira: Largo da Capela da Nossa Senhora do Mar

Esc: sem escala

estadia apenas com a introdução de mobiliário urbano e um novo embasamento em calçada, desde o arruamento até a um limite que se entendeu necessário e que permitirá a integração deste espaço na restante intervenção, assim como a introdução de vegetação que permita alguma sombra.

Assim sendo, ao nível da vegetação no núcleo central, apenas se propõe a plantação de trepadeiras nos canteiros existentes, de modo a revestir as atuais estruturas de ensombramento desnudas. Contudo, com a anulação da área de estacionamento, adjacente ao Largo da Capela (que permitirá a extensão da área de estadia e recreio do núcleo deste espaço para a Avenida da Praia), será possível plantar alguns maciços arbóreos de Pinheiro-manso que, pela sua densidade da copa, proporcionarão a sombra a pequenas áreas dotadas de mobiliário urbano, bem como reforçarão a sombra promovida pelas já referidas estruturas de ensombramento.

Os Miradouros, da Arriba e da Praia, acontecem no extremo Sul da Avenida da Praia, em pontos dominantes sobre a paisagem envolvente.

O Miradouro da Arriba, junto ao atual acesso em escadaria para a praia da Zambujeira do Mar, permite-nos uma deslumbrante vista sobre a formação rochosa da vertente da praia e possibilita-nos ler o perfil, tão particular da Vila, da Capela da Nossa Senhora do Mar sobre a arriba. Este espaço já possibilita a contemplação da paisagem, bem como a estadia e o apoio a quem chega ou sai da zona balnear.

O Miradouro da Praia será uma área de estadia de excelência, que acolhe os fluxos pedonais da Avenida da Praia e estabelece a ligação visual e pedonal entre a área Norte e Sul da Vila. As escadas preconizadas permitirão um acesso mais cómodo e em segurança até à praia.

Na arriba (Figuras 40 e 41), a primeira ação, para que a recuperação do sistema seja bem-sucedida, é a identificação dos principais problemas que provocam a degradação do meio e a correção dos mesmos, sendo que muitas vezes este procedimento é suficiente para que o sistema se recupere por si e sem a qual não haverá qualquer plano de recuperação que resulte. A partir de uma análise geral à Arriba verificámos que, na sua maioria, se encontra em bom estado de estabilização, porém identificámos as seguintes situações alvo de retificação:

- O grande índice de impermeabilização do solo no aglomerado urbano, aliado ao acentuado declive e ao deficiente sistema de recolha de águas pluviais, origina escorrências superficiais significativas, provocando ravinamentos e deslizamentos de terras nas situações mais baixas.

- A presença de plantas invasoras e infestantes impossibilita o desenvolvimento da vegetação autóctone.



Figura 40 – Zambujeira: Arriba com presença de vegetação invasora

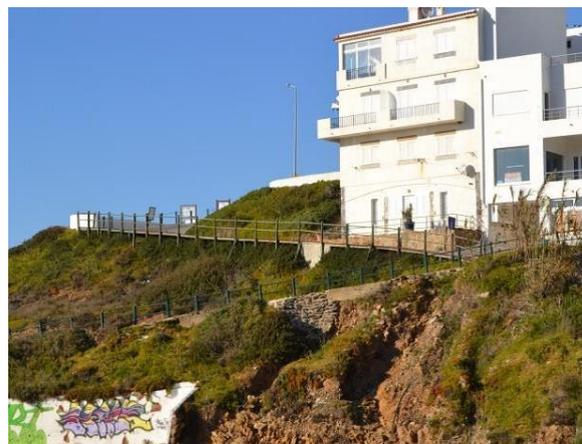


Figura 41 – Zambujeira: Arriba danificada

Os trabalhos de recuperação deste sistema, começam pela correção do sistema de recolha de águas pluviais, preconizado no desenvolvimento deste projeto, permitindo desta forma ações de remoção e limpeza de infestantes/invasoras exóticas para impulsionar a instalação – natural e prevista em projeto – da vegetação autóctone.

Grande parte da arriba encontra-se estável, exibindo vertentes rochosas, mas nas vertentes mais deterioradas, o perfil da arriba será corrigido através da incorporação de um horizonte de terra vegetal, fixado por meio de mantas grampeadas e/ou mantas hidráulicas, permitindo a estabilização dos taludes através de práticas amigas do ambiente. Para revestimento destas vertentes, prevê-se a aplicação de uma mistura de espécies características dos habitats endémicos, através de hidrossementeira.

Decorrente das reuniões de trabalho efetuadas com a equipa da POLIS, no desenvolvimento da fase de revisão de estudo prévio, surge o pedido para se indicar uma localização preferencial para instalar o futuro Apoio de Praia da praia da Zambujeira do Mar. Na sequência deste pedido, consultaram-se os planos de ordenamento vigentes sobre este território, ponderaram-se todas as condicionantes do local e concluiu-se que, por forma a respeitar todas as variáveis, seria preferível que a tipologia de apoio de praia que se preconiza para esta praia deveria acontecer num espaço que pertença ao PU da Zambujeira do Mar, até porque na carta de ordenamento do PDM do concelho de Odemira, já se contempla uma ocupação com equipamentos para a zona junto ao acesso às praias.

Decorrente de todas estas condicionantes propomos que o futuro Apoio de praia se localize, de acordo com o definido em revisão de estudo prévio, representado em Plano Geral, nas cotas mais baixas da Avenida da Praia, na transição para a Travessa da Ribeira. Indicamos esta implantação como

preferencial, dado que se localiza num ponto que permite articular diversas direções dos circuitos pedonais, bem como articular várias áreas funcionais. A definição da área assume uma forma triangular e com área que permita albergar uma construção com as valências definidas no POOC Sines-Burgau, para um apoio de praia completo (Figura 42). Esta construção permitiria “vencer” as diferenças altimétricas que acontecem neste ponto, assumindo funções a diferentes cotas, bem como incorporar um acesso em escada desde o passeio na direção das escadas que convergem do término do topo Sul da Avenida da Praia, até à rampa de acesso às praias na continuidade da Travessa da Ribeira. Este equipamento poderia inclusive comportar uma cobertura plana que funcionasse de receção e acesso às escadas, bem como de área de esplanada que complementasse o serviço da cafetaria que incorporaria o apoio de Praia. De reforçar que o projeto e empreitada deste equipamento será sempre alvo de um concurso independente deste processo.

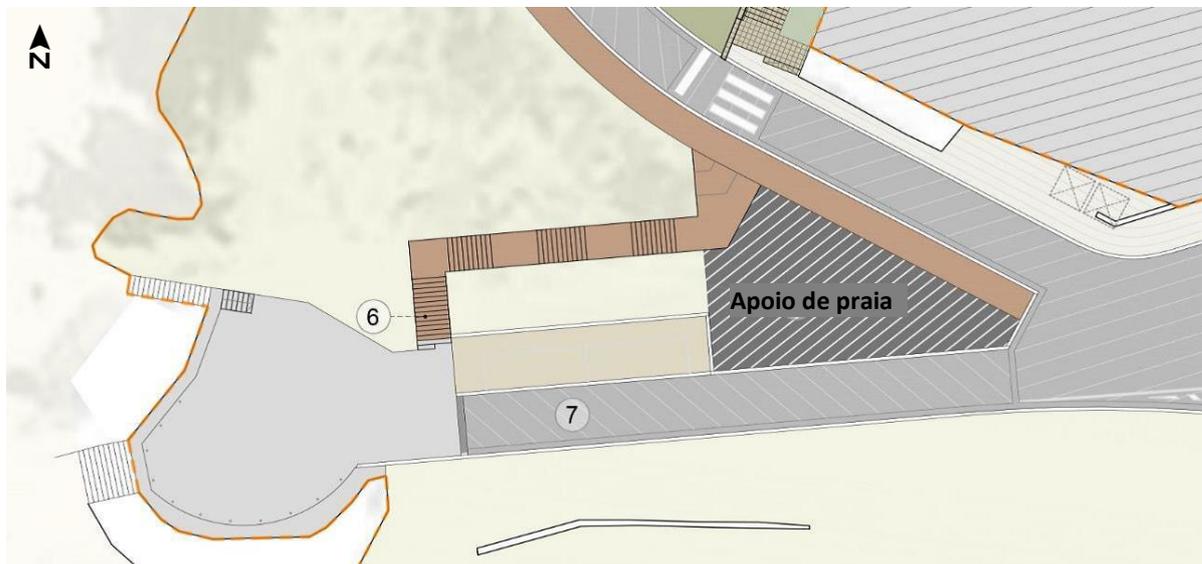


Figura 42 - Zambujeira: Proposta para implantação do futuro apoio de praia

Esc: sem escala

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem

Este processo foi o mais demorado entre todos devido à sua dimensão e quantidade de peças técnicas elaboradas. Outro fato associado ao tempo investido neste processo foi a falta de precisão no levantamento topográfico cedido pela entidade promotora e alteração da tipologia dos equipamentos de recolha de RSU's (Resíduos Sólidos Urbanos) resultando em muitas alterações das peças técnicas já elaboradas.

Apesar dos contratempos ocorridos, a oportunidade de aplicar muitos dos conhecimentos adquiridos durante o percurso académico, relativamente ao processo de Projeto de execução, foi bastante importante para o nosso crescimento a nível profissional, sobretudo pelo contato com profissionais de outras áreas, nomeadamente engenheiro de infraestruturas e engenheiro eletrotécnico.

As peças técnicas por nós executadas foram: o Plano de Implantação Planimétrica, onde foi investido muito tempo para a sua conclusão decorrente da grande dimensão da área objeto deste projeto, resultando em mais de 800 pontos georreferenciados (Figura 43).

Outro tema desenvolvido com a nossa colaboração foi a elaboração das peças técnicas referentes aos RSU's, nomeadamente no Plano de Localização dos Pontos de Recolha de Resíduos (Figura 44), na Rota de Recolha e Circulação (Figura 45), no Plano de Implantação Planimétrica dos Ecopontos e nos Pormenores Construtivos (Figura 46).

A elaboração da rota de recolha e circulação, em particular, proporcionou-nos um conhecimento adicional às nossas competências, visto que durante o percurso académico nunca tivemos contato com este processo. Passamos a perceber melhor a elaboração deste tipo de trabalho e a importância para a logística na recolha, tendo sempre atenção ao percurso lógico dos camiões de recolha.

Outros trabalhos que não resultaram em planos, mas de igual importância para a conclusão dos trabalhos, foram os estudos do novo perfil da escadaria junto à arriba de acesso à praia, medições de reboco e coroamento dos muros, e quantificação dos postes de iluminação para contabilizar no Mapa de Quantidades e Orçamento.

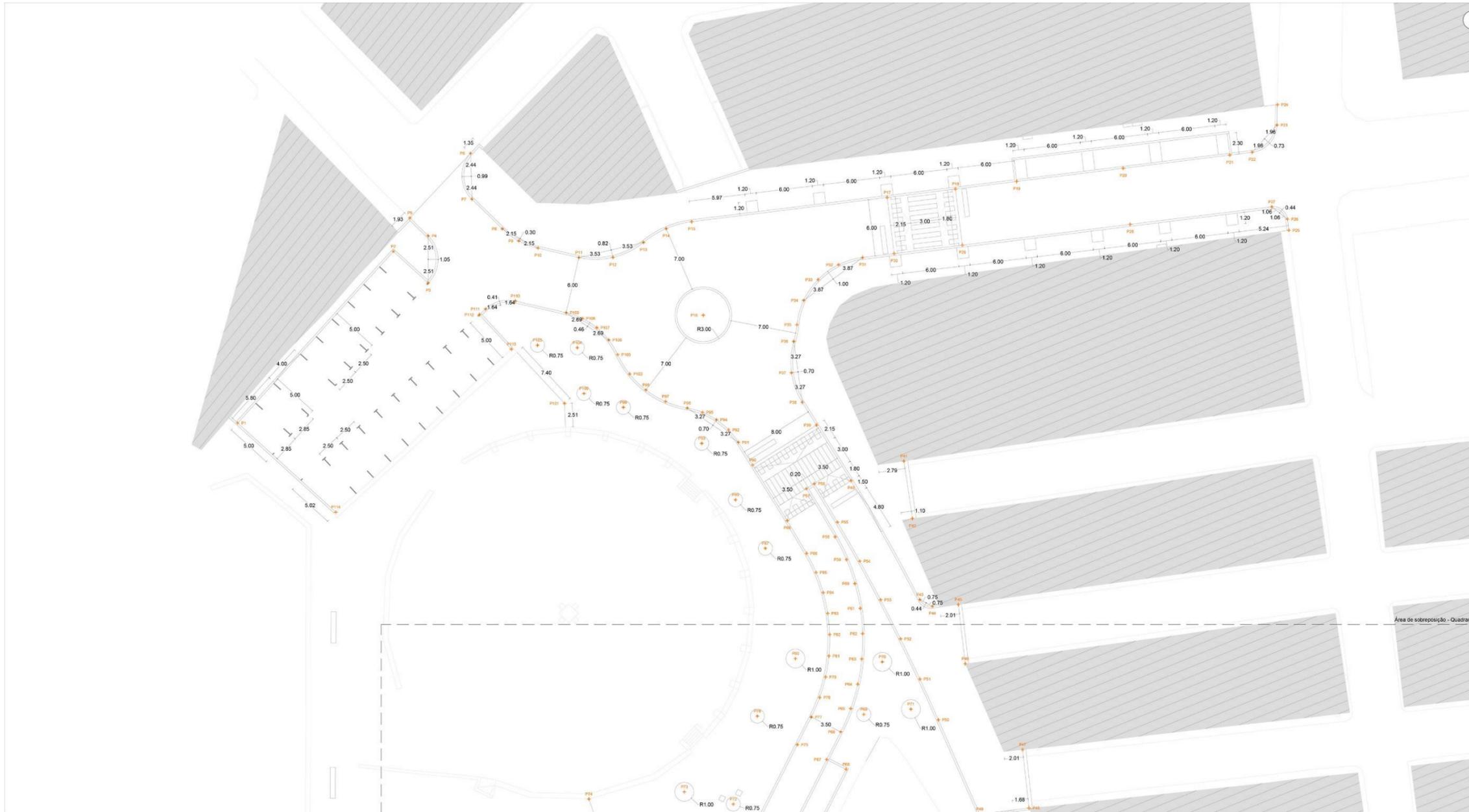


Figura 43 – Zambujeira: Plano de Implantação Planimétrica - Quadrante I - Área A1 - Esc: sem escala



PONTOS	COORDENADAS	X, Y
P1	-57824.9438,	-237711.9292
P2	-57808.4129,	-237693.7114
P3	-57804.7101,	-237697.0713
P4	-57804.7151,	-237692.0554
P5	-57806.6562,	-237690.1626
P6	-57800.2175,	-237683.2995
P7	-57800.0796,	-237688.1741
P8	-57796.8440,	-237691.3137
P9	-57795.0939,	-237692.6023
P10	-57793.0615,	-237693.3723
P11	-57788.7218,	-237694.3698
P12	-57785.1001,	-237684.3611
P13	-57781.8534,	-237692.7563
P14	-57779.4508,	-237691.2953
P15	-57776.7364,	-237690.5609
P16	-57775.5081,	-237700.4852
P17	-57755.9781,	-237687.9917
P18	-57748.7333,	-237687.0951
P19	-57742.2329,	-237686.2905
P20	-57730.9193,	-237684.8903

PONTOS	COORDENADAS	X, Y
P21	-57719.6056,	-237683.4900
P22	-57717.2290,	-237683.1959
P23	-57714.5886,	-237680.2994
P24	-57714.5404,	-237678.1409
P25	-57713.3325,	-237691.4800
P26	-57713.4803,	-237690.2891
P27	-57715.1532,	-237688.9847
P28	-57730.1823,	-237690.8448
P29	-57747.9964,	-237693.0496
P30	-57755.2411,	-237693.8463
P31	-57758.5823,	-237694.3598
P32	-57761.1499,	-237695.1302
P33	-57763.3190,	-237690.6892
P34	-57764.8458,	-237698.9089
P35	-57765.5590,	-237701.4930
P36	-57765.9019,	-237703.2641
P37	-57766.1399,	-237706.5952
P38	-57764.9973,	-237724.0090
P39	-57763.4847,	-237712.1486
P40	-57759.8116,	-237718.0487

PONTOS	COORDENADAS	X, Y
P41	-57754.2028,	-237715.9690
P42	-57753.2892,	-237722.0670
P43	-57752.5134,	-237730.6805
P44	-57751.1776,	-237731.3743
P45	-57748.4271,	-237731.2019
P46	-57747.6910,	-237737.4780
P47	-57741.6050,	-237746.5959
P48	-57740.9179,	-237752.7911
P49	-57746.1600,	-237753.4388
P50	-57750.5458,	-237743.4336
P51	-57752.5013,	-237739.1126
P52	-57754.5587,	-237734.8392
P53	-57756.6783,	-237730.6892
P54	-57758.8940,	-237726.5897
P55	-57761.2578,	-237722.4522
P56	-57763.7196,	-237718.3721
P57	-57764.5672,	-237718.9029
P58	-57763.1469,	-237741.0569
P59	-57760.3035,	-237726.4221
P60	-57759.4073,	-237728.9658

PONTOS	COORDENADAS	X, Y
P61	-57758.8327,	-237731.6008
P62	-57758.5887,	-237734.2866
P63	-57758.6790,	-237736.9820
P64	-57759.1021,	-237739.6455
P65	-57759.8516,	-237742.2362
P66	-57760.9160,	-237744.7142
P67	-57762.3974,	-237747.8471
P68	-57760.3444,	-237748.6840
P69	-57758.4650,	-237742.8562
P70	-57756.4977,	-237737.2807
P71	-57763.4623,	-237742.2911
P72	-57772.3226,	-237752.3906
P73	-57777.5158,	-237751.0730
P74	-57787.6520,	-237751.8400
P75	-57765.5215,	-237746.0690
P76	-57769.7617,	-237743.0410
P77	-57764.0400,	-237743.1362
P78	-57783.1469,	-237741.0569
P79	-57762.5180,	-237738.8832
P80	-57765.7185,	-237736.9257

PONTOS	COORDENADAS	X, Y
P81	-57762.1630,	-237736.6483
P82	-57762.0873,	-237734.3866
P83	-57762.2920,	-237732.1330
P84	-57762.7741,	-237729.9220
P85	-57763.5261,	-237727.7877
P86	-57764.5365,	-237725.7628
P87	-57768.9133,	-237725.2255
P88	-57766.5925,	-237722.2950
P89	-57772.0855,	-237720.0819
P90	-57770.2650,	-237716.3945
P91	-57771.7776,	-237713.9790
P92	-57772.8131,	-237712.6574
P93	-57775.6637,	-237714.0866
P94	-57774.1017,	-237711.5809
P95	-57775.5866,	-237710.7972
P96	-57777.2024,	-237710.3406
P97	-57779.5171,	-237709.6464
P98	-57781.5977,	-237708.4172
P99	-57783.9908,	-237710.2701
P100	-57788.1756,	-237708.7951

PONTOS	COORDENADAS	X, Y
P101	-57790.2404,	-237709.8439
P102	-57783.3227,	-237706.7247
P103	-57784.5913,	-237704.6679
P104	-57788.8842,	-237703.9324
P105	-57793.1083,	-237703.8736
P106	-57785.5373,	-237703.1099
P107	-57788.8114,	-237701.8065
P108	-57788.3475,	-237700.8254
P109	-57790.0558,	-237700.2174
P110	-57795.4569,	-237698.9782
P111	-57798.6202,	-237699.8223
P112	-57799.2741,	-237700.4284
P113	-57795.8751,	-237700.0955
P114	-57814.5234,	-237721.3847

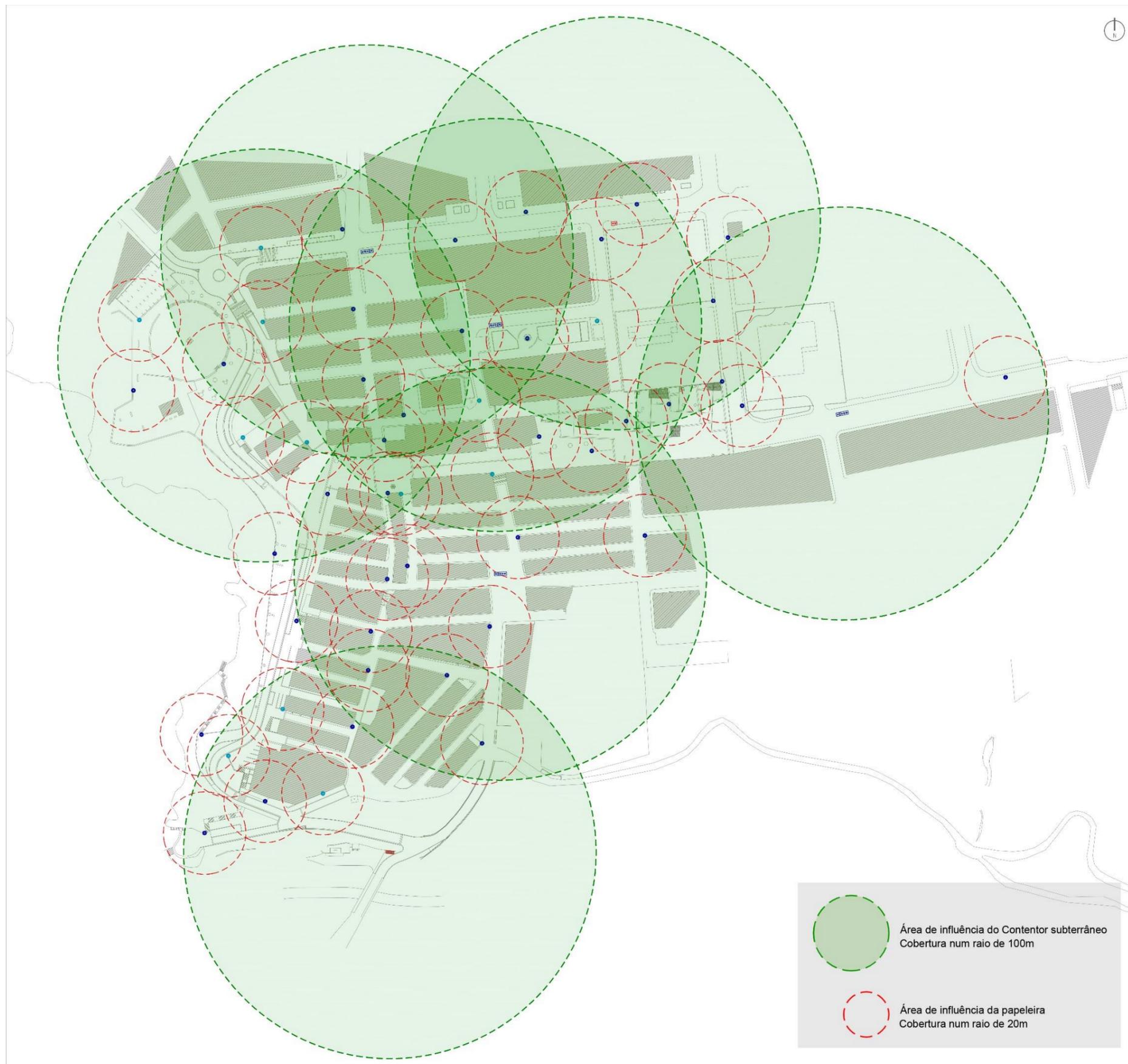


Figura 44 - Zambujeira: Plano de Localização do Pontos de Recolha de Resíduos - Área A3
Esc: sem escala



Requalificação e Valorização do Cais de Canelas, Cais de Salreu e Esteiro de Estarreja - Aveiro

Cliente: **Sociedade Polis Litoral Ria de Aveiro**

Fase do Projeto: **Acompanhamento de Obra**

A nossa colaboração neste projeto acontece apenas em fase de Acompanhamento de Obra, uma vez que este processo já estava avançado ao nível da construção da obra, pressupondo, apenas, fiscalizar sua execução de acordo com o Projeto de Execução. Entretanto, foi necessário antes da deslocação à obra, um esforço de nossa parte para a compreensão das propostas e poder auxiliar no acompanhamento de obra.

Aspetos gerais

A intervenção teve como conceito base conceber três espaços de lazer e estadia que permitissem o contacto entre as pessoas e a Ria de Aveiro, de modo a proporcionar a sua vivência segura, através da criação de pontos e percursos que garantissem o contacto dos utilizadores com esta paisagem singular.

O espaço objeto deste projeto correspondeu à parte da Frente Lagunar de Estarreja compreendendo o Esteiro de Estarreja, o Cais de Salreu e o Cais de Canelas. A identidade destes espaços assenta na forte relação com a Ria de Aveiro, caracterizando-se por ser uma área de elevada biodiversidade, pelo que se propôs, em todos os espaços de intervenção, a recuperação dos diferentes sistemas naturais existentes. Também a recuperação e valorização das estruturas existentes, características da Ria e reveladoras da sua histórica utilização (frentes de cais, açudes, trapiches – armazém onde se guardam mercadorias para embarque, junto ao cais –, entre outras), constituíram princípios de atuação na procura da restituição de um passado atualmente votado ao abandono.

A proposta do Cais de Canelas (Figura 47) assentou no desígnio de interligar os dois polos dinamizadores deste espaço, nomeadamente o campo de jogos e a área de lazer equipada, e de potenciar áreas de estadia e observação que permitissem contemplar a beleza da paisagem envolvente. Tendo a Ria como elemento estruturante, a proposta preconizou a criação de pequenos miradouros que nos projetassem sobre o Esteiro e permitissem observar toda a diversidade faunística e florística deste ambiente predominantemente natural. Importante, também, foi a incorporação de percursos funcionais que fizessem a ligação a itinerários cicláveis/pedonais existentes.

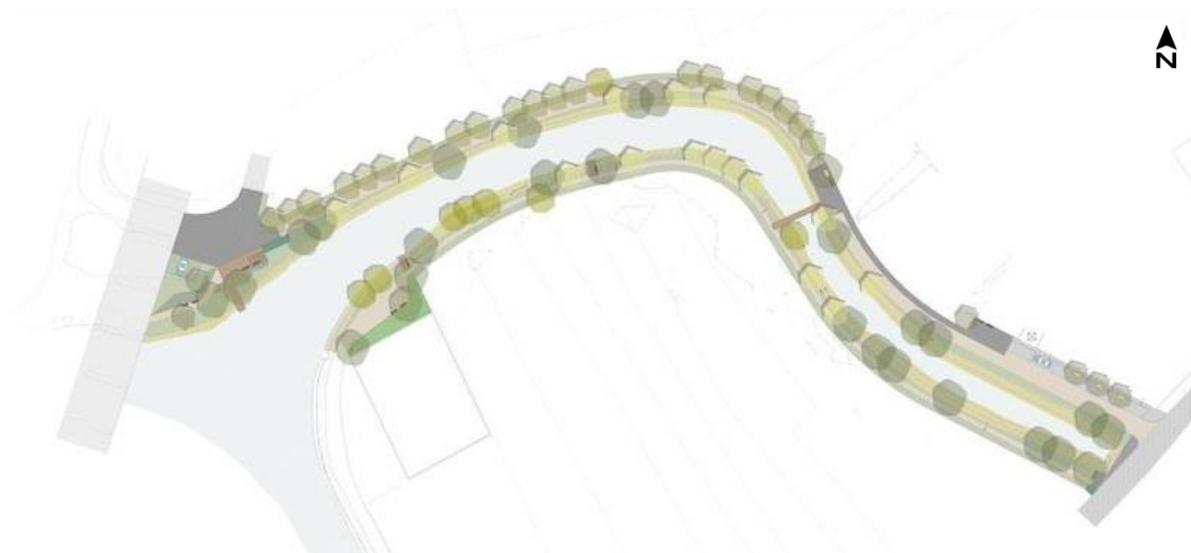


Figura 47 - Cais de Canelas: Planta do Cais de Canelas

Esc: sem escala

O largo do Cais de Salreu (Figura 48), na proposta desenvolvida, manteve, na sua essência, a conformação e materialidade existentes. No entanto, a solução procurou novas espacialidades e ambiências que possibilitassem usos diversos e polivalentes. A reabilitação de um conjunto edificado a Norte, alvo de projeto específico, tornou-se no mote para a transformação funcional da sua envolvente. A Poente do largo, junto ao centro de interpretação ambiental, preconizaram-se três



Figura 48 - Cais de Salreu: Planta do Cais de Salreu

Esc: sem escala

espaços distintos nas suas funções, mas complementares na sua utilização: o Terreiro de Salreu, a Área de Recreio e Lazer Equipada e o Percurso Cénico.

A proposta para o Esteiro de Estarreja (Figura 49) considerou, do seu lado Norte, uma área polivalente – o Espaço do Esteiro - que cumprisse simultaneamente a função de área de receção para quem pretendesse iniciar o percurso pedestre, e de área de recreio e estadia devidamente equipada, constituindo assim um espaço público de qualidade, apto a satisfazer as necessidades lúdicas dos visitantes. Sobre a margem Sul preconizou-se um sistema de passadiços – o Passadiço de Beduído - caracterizando-se essencialmente como espaço de sombra, estadia e proximidade com o plano de água do esteiro. O alinhamento arbóreo e arbustivo associado procurou fomentar o isolamento sonoro e visual, relativamente a uma unidade industrial existente nas proximidades.

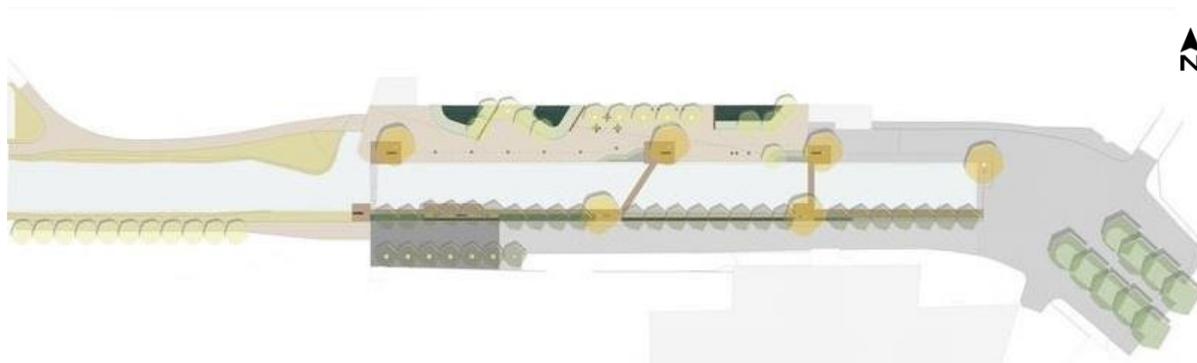


Figura 49 - Esteiro de Estarreja: Planta do Esteiro de Estarreja

Esc: sem escala

O Acompanhamento de Obra e Aprendizagem

O Acompanhamento de Obra é mais uma fase que não experimentamos durante o percurso académico e que se mostra um momento de grande aprendizagem, pois é onde se coloca em execução todas peças técnicas da fase anterior - a de projeto de execução- e também das poucas oportunidades de sair do ambiente do *atelier* e única oportunidade durante o decorrer do estágio.

O Acompanhamento de Obra ocorreu numa fase que esta já estava bem desenvolvida, restando pequenos acertos e correções. Ao longo deste processo fomos identificando vários problemas, quer ao nível da construção, quer na implantação de mobiliário, mas os mais graves relacionados com a especialidade de carpintaria.

No Cais de Canela faltavam as plantações e respetiva modelação de terreno na área junto ao campo de futebol em areia; o prumo central das guardas dos passadiços estava descentrado (Figura 50) e,



Figura 50 - Cais de Canelas - Guarda descentralizada



Figura 51 - Cais de Canelas - Guarda descentralizada



Figura 52 - Cais de Canelas – Pontão / Trapiche



Figura 53 - Cais de Salreu - Crescimento de herbáceas

para corrigir este erro, seria necessário a desmontagem da guarda e recuar a longarina para centralizar o prumo com perfeição, como desenhado nas peças técnicas. Os bancos por baixo da pérgula (Figura 51) junto ao cais estavam implantados de modo às pessoas se sentarem de costa para o cais, sendo o correto o contrário. Nos pontões / trapiches, à margem do campo de futebol, deveriam ser verificadas as suas implantações relativamente ao caminho, uma vez que pareciam estar invadi-lo (Figura 52).

No Cais de Salreu, havia duas correções a se fazer: a papeleira junto ao terreiro para autocaravanas não estava implantada corretamente, também se verificou a necessidade de aplicação de herbicida na área imediatamente abaixo do “deck” para evitar que o crescimento de herbáceas o afetasse esteticamente (Figura 53).

No Esteiro de Estarreja, seriam necessárias algumas alterações no desenho da área do conjunto de mesas pela existência de um conflito entre a copa das árvores propostas com as existentes, adjacentes à área de intervenção. No passadiço, em “deck”, junto à margem, foi solicitado pelo dono da obra a instalação de guardas, uma vez que este elemento era, simultaneamente, um convite à



Figura 54 - Esteiro de Estarreja: Instalação de guardas

constante passagem das pessoas, mas um perigo de queda (Figura 54). A colocação de guardas evitava, assim, constrangimentos futuros para a equipa projetista. Os bancos em madeira instalados pelo empreiteiro tinham cor diferente do solicitado em caderno de encargos, mas foram aprovados pela equipa projetista, mostrando assim flexibilidade com algumas alterações. Durante o acompanhamento desta área da obra, estava a ser

feita a rega do canteiro de Papiros com um trator a puxar um atrelado com reservatório que deitava água com muita pressão sobre as plantas, fazendo com que muitos exemplares se partissem. Esta situação foi alertada, pela equipa projetista, acerca do procedimento correto de rega para aquela espécie. O empreiteiro solicitou que a rega fosse feita por alagamento, evitando assim a constante substituição desses exemplares. Outro problema verificado ocorreu junto à unidade industrial, ocasionado pela lavagem dos camiões que causava escorrência de óleo para as caldeiras das árvores, ocasionando a morte de alguns exemplares. Neste caso, como não é um problema que possa ser solucionado pelo dono de obra, empreiteiro ou equipa projetista, foi chamada a Fiscalização da Câmara para o solucionar.

O acompanhamento desta obra foi realizado com o Arq. Paisagista Sérgio Simões e o Arq. Paisagista Nuno Madruga, revelando-se um momento de grande aprendizagem da nossa parte pelo fato de estarmos em contato com a construção do espaço, juntamente com outros profissionais envolvidos neste processo, nomeadamente o dono da obra, o empreiteiro e a fiscalização. Também importante, sobretudo, para percebermos a importância desta fase para a boa e correta construção da obra de acordo com o projeto de execução, assim como lidar com os constantes problemas e desafios encarados, ter flexibilidade e sensibilidade para reconhecer algumas fragilidades do projeto ou alterações que sejam solicitadas pelo dono de obra ou impostas por fatores externos ao projeto.

2

OUTROS TRABALHOS

Elaboração de Leitores de Paisagem – Herdade Vale do Lobo

Cliente: **Particular**

A Herdade Vale do lobo, situada no concelho de Nelas, tem como objetivo o turismo rural proporcionando aos visitantes uma série de percursos, zonas de estadia e miradouros tendo como pano de fundo a Serra da Estrela, a Sul da herdade, e a Oeste a Serra do Caramulo e a aldeia da Lapa do Lobo.

O projeto de ordenamento da herdade foi elaborado e concluído pelo *atelier* mas, a pedido do cliente, foram posteriormente elaborados três leitores de paisagem para os miradouros projetados.

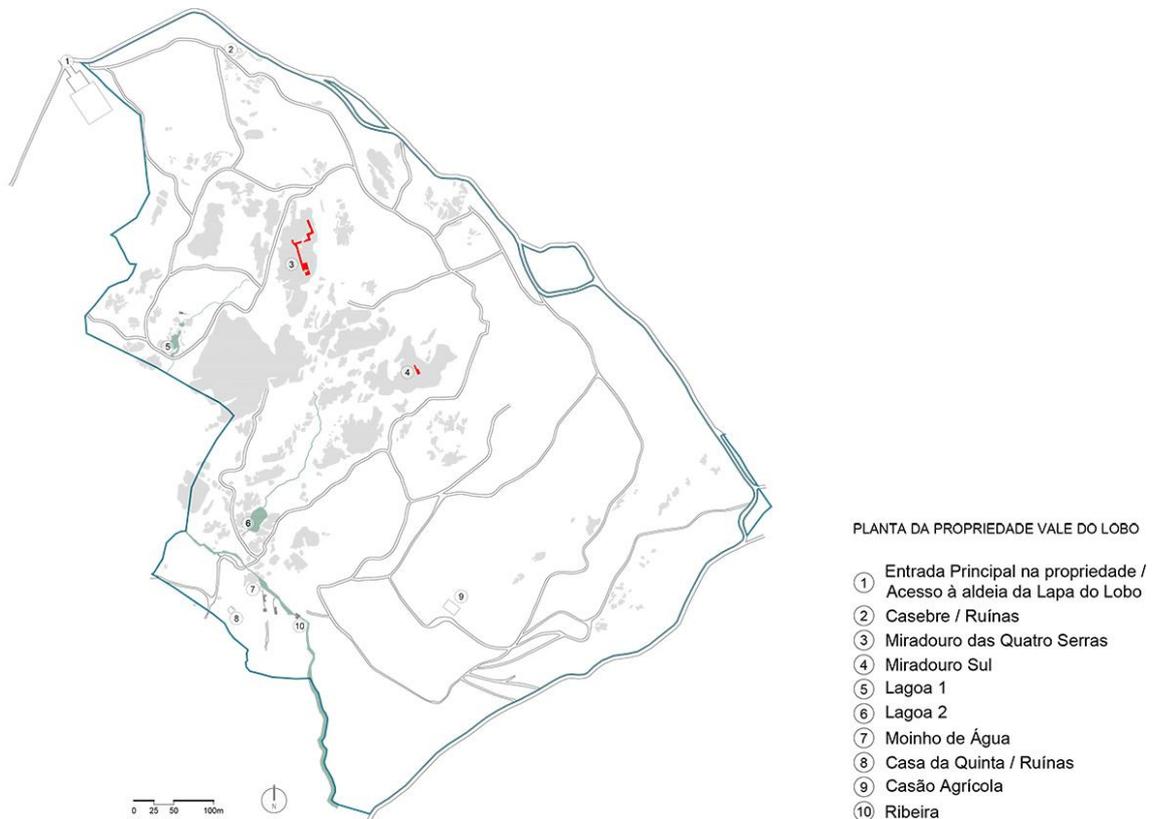


Figura 55 – Herdade Vale do Lobo: Localização dos miradouros

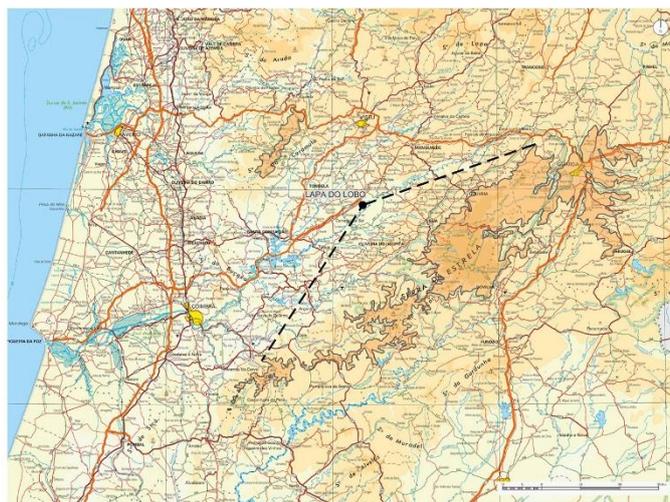
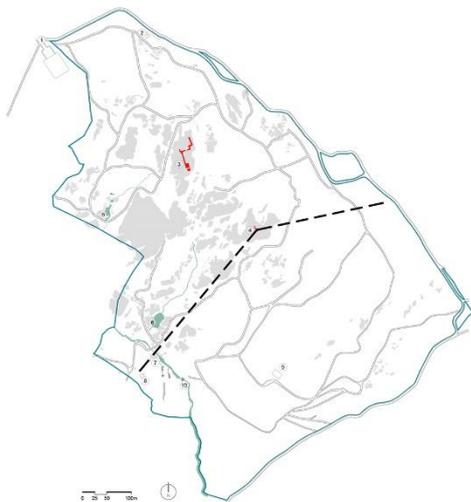


Figura 56 - Herdade Vale do Lobo: Localização do leitor de paisagem - Miradouro Sul

O miradouro Sul (Figura 56), o menor, receberá um leitor de paisagem e tem como pano de fundo a Serra da Estrela e suas aldeias, com uma vista que se estende até à Serra da Lousã.

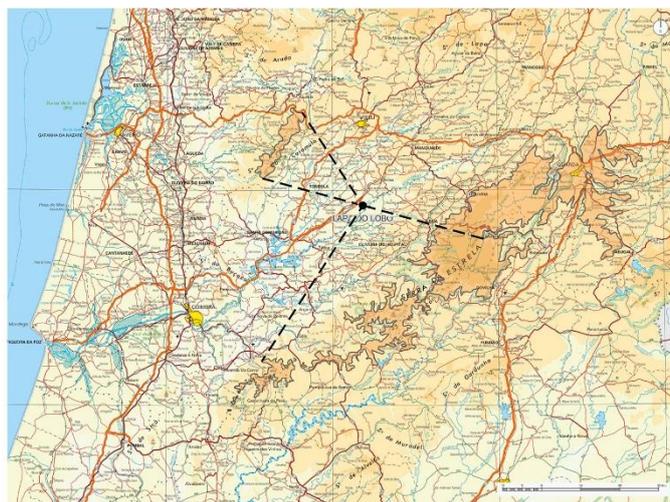
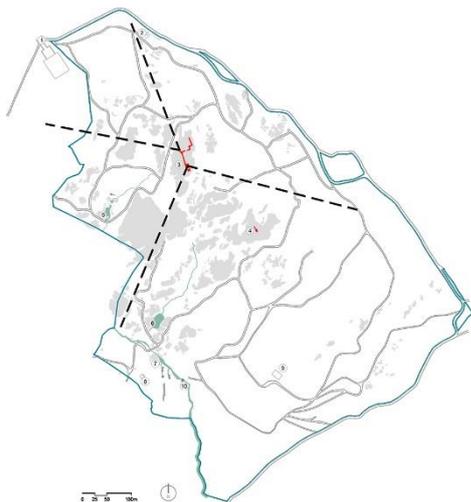


Figura 57 - Herdade Vale do Lobo: Localização dos leitores de paisagem - Miradouro Norte

Já o miradouro Norte (Figura 57), o maior e com cota mais elevada, receberá dois leitores de paisagem, um orientado a Sul, tendo como pano de fundo a Serra da Estrela e suas aldeias, e outro orientado em direção ao vale do Rio Mondego, cuja vista se estende até à Serra da Lousã.

Houve a preocupação de identificar os pontos de interesse e referência, nomeadamente as aldeias no sopé das serras e antigas palheiras; os elementos marcantes na paisagem como as chaminés de grande dimensão, torres das Igrejas, castelos e outros elementos de interesse, assim como a identificação dos cumes mais elevados das serras. Também foram assinalados alguns elementos, de maior importância, dentro da propriedade com interesse para o visitante, como a antiga casa da Quinta e maciços arbóreos.

Para a elaboração destes leitores de paisagem foram utilizadas ferramentas distintas para auxiliar na identificação das mais variadas informações visíveis.

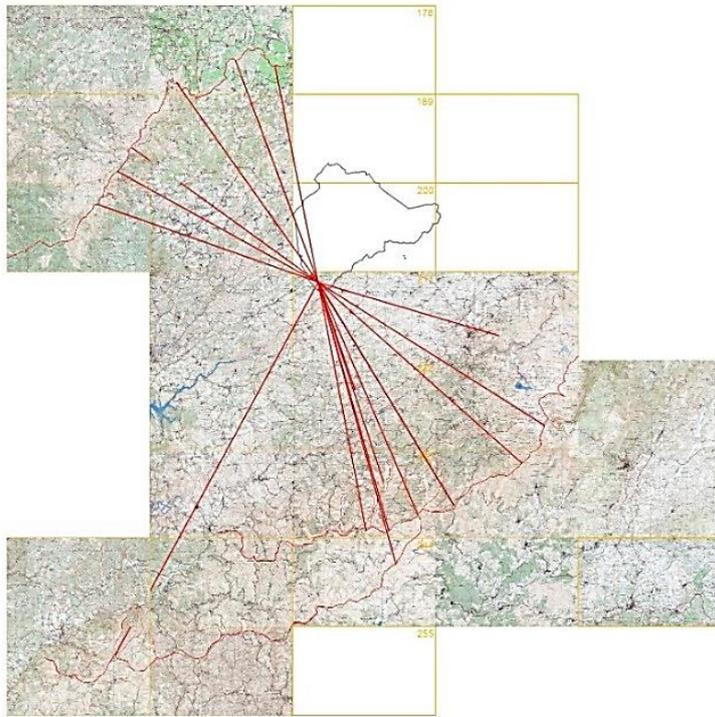


Figura 58 - Herdade Vale do Lobo: Identificação das principais linhas de fechos

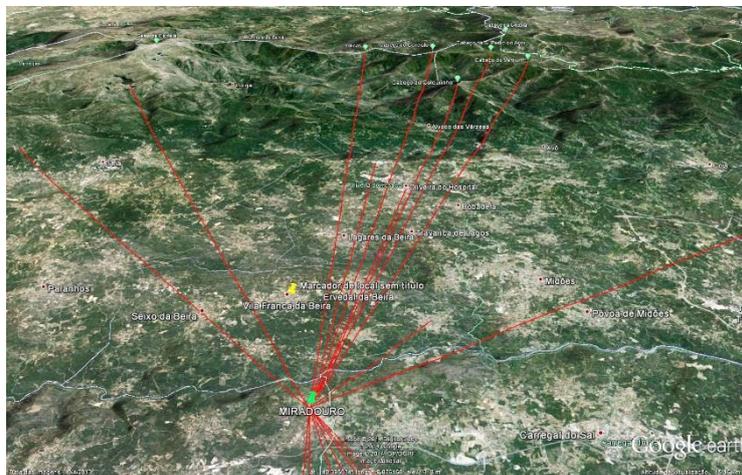
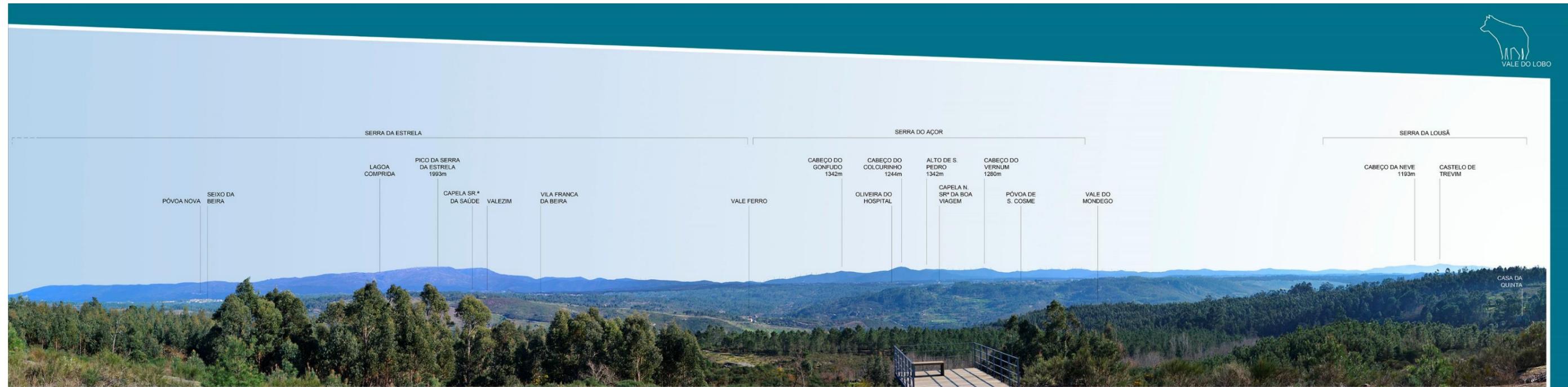


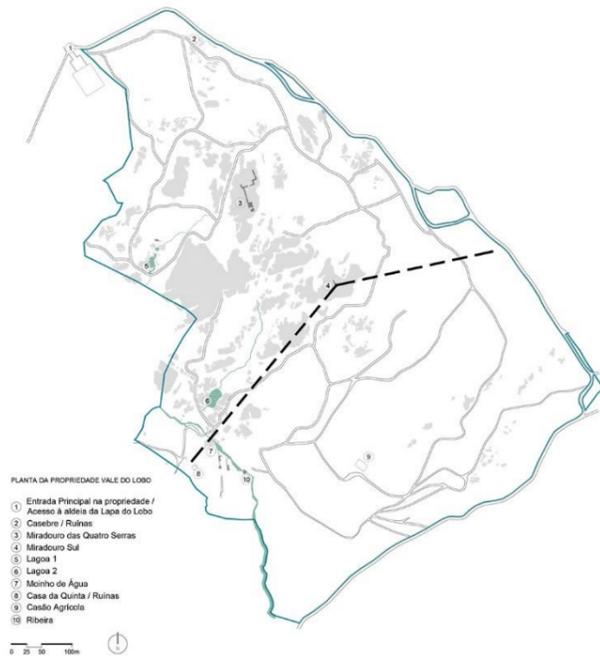
Figura 59 - Herdade Vale do Lobo: Identificação através do Google Earth

Os trabalhos iniciais foram a montagem de uma série de fotografias panorâmicas relativas à posição de cada leitor de paisagem. Em seguida foram inseridas no AutoCAD as cartas militares relativas àquela região, totalizando 24 cartas em escala real (Figura 58). A partir daqui começou-se a marcar os principais fechos para perceber até onde a vista alcançava e, posteriormente, a identificação das serras abrangentes e dos principais cumes e aldeias.

O Google Earth (figura 59) foi outra ferramenta utilizada neste processo para obter imagens de satélite atualizadas e por facilitar na identificação desses elementos através do recurso de visualização em 3 dimensões da morfologia do terreno. Apesar do auxílio dessas ferramentas foram investidas muitas horas de trabalho a identificar cada ponto de interesse visualizado através de cada miradouro, consistindo, assim, num processo de identificar esses elementos nas cartas militares e confrontar com a imagem de satélite no Google Earth. Para que o leitor de paisagem contivesse o máximo de informação útil a quem o lê, foram inseridas informações relevantes sobre as características das principais serras abrangidas pelos mesmos, como o Rio Mondego, a aldeia da Lapa do Lobo, outras informações de interesse turístico, assim como informações de localização e abrangência visual (Figuras 60, 61 e 62).



MIRADOURO SUL



SERRA DA ESTRELA

ALTITUDE MÁXIMA: 1993m
EXTENSÃO: 45Km
LITOLOGIA: Granito
ORIENTAÇÃO: NE-SW
VEGETAÇÃO: Carvalho Negral, Castanheiro, Pinheiro, Zimbro, Videiro e Azereiro

A Serra da Estrela constitui a cadeia montanhosa de maior altitude em Portugal Continental. Apenas a Montanha do Pico, na ilha do Pico, no arquipélago dos Açores, a supera. É constituída por planaltos alongados na direção nordeste-sudoeste. As altitudes mais elevadas (1993 m) encontram-se do lado sudoeste, no chamado Planalto da Torre. Esta Serra faz parte da Cordilheira Central Ibérica, um grande conjunto montanhoso que atravessa longitudinalmente (nordeste-sudoeste) uma parte significativa da Península Ibérica. A Serra da Estrela é uma zona de paisagem integrada no Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), que após a sua constituição em 16 de Julho de 1976 se instituiu como a maior área protegida em solo português. Além da neve, da fauna e flora extraordinárias, pode ainda apreciar a orografia de proporções colossais (vd. p.e. Cântaro Magro) bem como o património humano, cultural, histórico e gastronómico da região.



SERRA DO AÇOR

ALTITUDE MÁXIMA: 1342m
EXTENSÃO: 33Km
LITOLOGIA: Granito e Xisto
ORIENTAÇÃO: NE-SW
VEGETAÇÃO: Carvalho robre, Castanheiro Loureiro, Azereiro, Medronheiro e Azevinho

A Serra do Açor faz também parte da Cordilheira Central Ibérica. Tem vários pontos de grande elevação, de que se destacam, o Monte do Colcurnho (1244 m) onde se pode visitar a capela de Nossa Senhora das Necessidades, o Alto de S. Pedro (1342 m), o Cabeço do Gonfudo (1342) e o Cabeço do Venum (1280), sendo que todos são locais de larga beleza, quer pela sua fauna quer pela sua flora espartosa. Na Serra do Açor, domina o xisto, as dobras e fraturas originam um tipo de relevo característico, sulcado por vales com grandes quedas de nível, linhas de água encaixadas e onde, por vezes, se encontram curvas acidentadas geológicas, como as quedas de água da Fraga da Pena. Destaca-se também a zona de Paisagem Protegida da Serra do Açor (PPSA) situada na Serra do Açor, no concelho de Arganil, com altitudes que oscilam entre os 400 m e os 1016 m e alberga duas áreas de especial interesse: a Reserva Natural Parcial da Mata da Margarapa e a Reserva de Recreio da Fraga da Pena.



SERRA DA LOUSÃ

ALTITUDE MÁXIMA: 1205m
EXTENSÃO: 30Km
LITOLOGIA: Xisto
ORIENTAÇÃO: NE-SW
VEGETAÇÃO: Azinheira, Carvalhos robre e negral

A Serra da Lousã representa a extremidade Sudoeste da Cordilheira Central, exibindo linhas de cumeeada entre os 800 e os 1200 metros, com declives acentuados (originando encostas íngremes e vales muito encaixados) nas vertentes Norte e suaves a Sul onde, respetivamente, se fazem sentir as influências climáticas atlântica e mediterrânica. Com 1205 m de altitude o ponto mais elevado é Trevim. Situa-se na transição do distrito de Coimbra para o de Leiria. Esta Serra abrange os concelhos de Miranda do Corvo, Lousã, Góis, Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos. Devido à acentuada orografia e às variantes climáticas, a vegetação existente é diversificada, com a ocorrência de azinheiras (*Quercus rotundifolia*) nas zonas mais secas e ensolaradas e de carvalhais de carvalho robre (*Quercus robur*) e carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) nas zonas mais húmidas e frias. De destacar ainda as inúmeras linhas de água, quase todas de carácter permanente, que alimentam as bacias hidrográficas dos Rios Zêzere e Mondego.



RIO MONDEGO

NASCENTE: Serra da Estrela
FOZ: Figueira da Foz
EXTENSÃO: 234Km
ORIENTAÇÃO: SW-NE

O Rio Mondego é o maior rio inteiramente português, nasce na Serra da Estrela, a 1425 metros de altitude, no concelho de Gouveia, distrito de Guarda, num local conhecido como Mondeguinho. Com um comprimento de 234 km, desagua no Oceano Atlântico, junto à cidade da Figueira da Foz. A sua bacia hidrográfica ocupa uma área de 6671 km². O escoamento anual na foz do Rio Mondego é, em média, de 3400 hm³. É um rio de montanha, de forte ação erosiva, correndo com a direção predominante de sudoeste-nordeste, num vale profundo e estreito, até a alguns quilómetros a montante de Celorico da Beira. Encostado ao rebordo norte da Cordilheira Central, o Mondego toma então a direção nordeste-sudoeste, insinuando-se pelo planalto da Beira Alta. Ao longo do seu percurso tem como rios afluentes o Dão, na margem direita, e os Rios Alva, Ceira, Arunca e Pranto na margem esquerda. O troço terminal (Baixo Mondego), com cerca de 40 km, percorre uma planície aluvial extremamente fértil onde se localizam alguns dos mais produtivos arrozais da Europa.

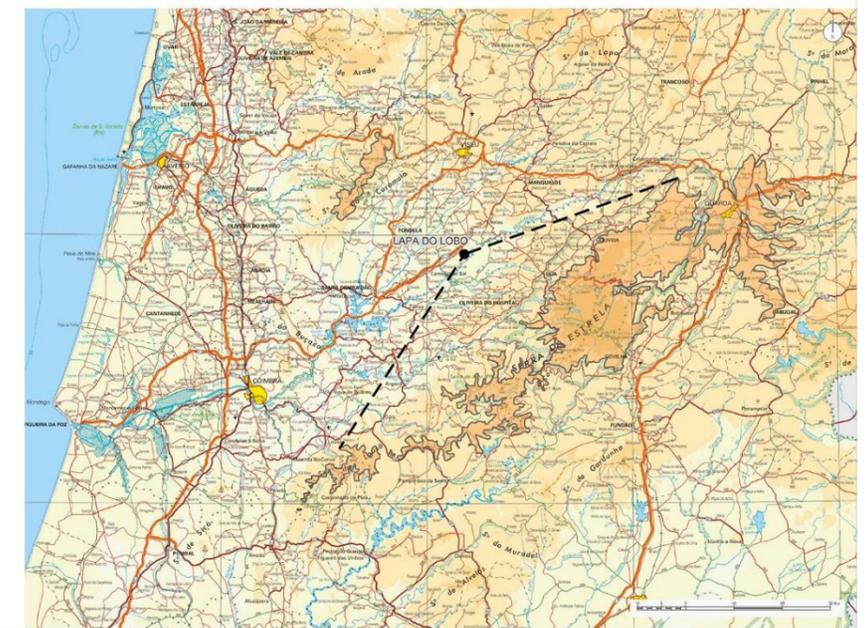
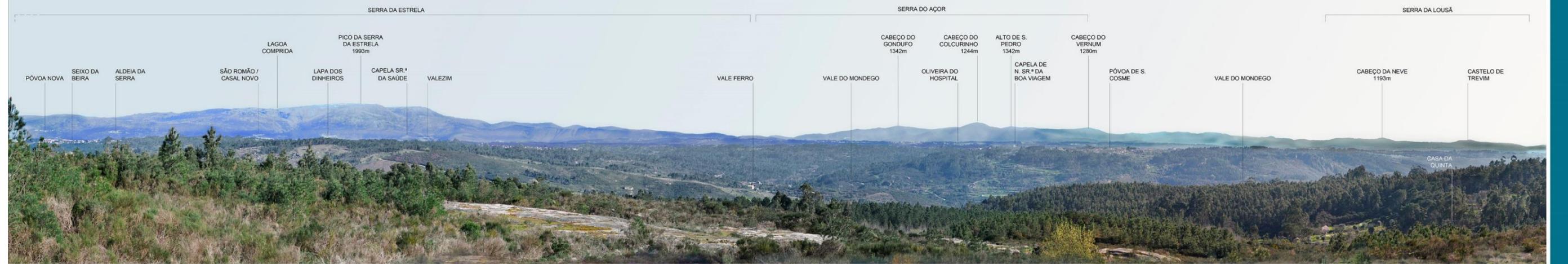
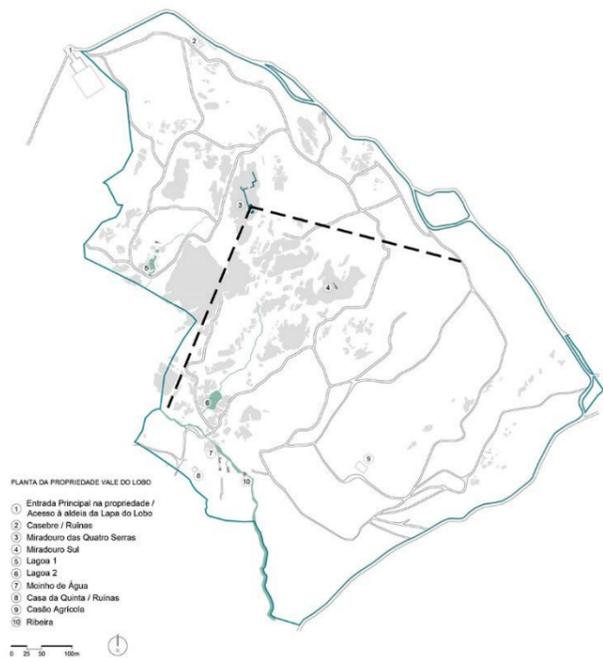


Figura 60 - Herdade Vale do Lobo: Leitor de Paisagem do miradouro Sul



MIRADOURO DAS QUATRO SERRAS - VISTA SUL - SERRAS DA ESTRELA, DO AÇOR E DA LOUSÃ



SERRA DA ESTRELA

ALTITUDE MÁXIMA: 1993m
EXTENSÃO: 49Km
LITOLOGIA: Granito
ORIENTAÇÃO: NE-SW
VEGETAÇÃO: Carvalho Negral, Castanheiro, Pinheiro, Zimbro, Videiro e Azereiro

A Serra da Estrela constitui a cadeia montanhosa de maior altitude em Portugal Continental. Apenas a Montanha do Pico, na ilha do Pico, no arquipélago dos Açores, a supera. É constituída por planaltos alongados na direção nordeste-sudoeste. As altitudes mais elevadas (1993 m) encontram-se do lado sudoeste, no chamado Planalto da Torre. Esta Serra faz parte da Cordilheira Central Ibérica, um grande conjunto montanhoso que atravessa longitudinalmente (nordeste-sudoeste) uma parte significativa da Península Ibérica. A Serra da Estrela é uma zona de paisagem integrada no Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), que após a sua constituição em 16 de Julho de 1976 se instituiu como a maior área protegida em solo português. Além da neve, da fauna e flora extraordinárias, pode ainda apreciar a orografia de proporções colossais (vd. p.e. Cântaro Magro) bem como o património humano, cultural, histórico e gastronómico da região.



SERRA DO AÇOR

ALTITUDE MÁXIMA: 1342m
EXTENSÃO: 33Km
LITOLOGIA: Granito e Xisto
ORIENTAÇÃO: NE-SW
VEGETAÇÃO: Carvalho robre, Castanheiro Loureiro, Azereiro, Medronheiro e Azevinho

A Serra do Açor faz também parte da Cordilheira Central Ibérica. Tem vários pontos de grande elevação, de que se destacam, o Monte do Colcurinho (1244 m) onde se pode visitar a capela de Nossa Senhora das Necessidades, o Alto de S. Pedro (1342 m), o Cabeço do Gondufo (1342) e o Cabeço do Vernum (1280), sendo que todos são locais de larga beleza, quer pela sua fauna quer pela sua flora espantosa. Na Serra do Açor, domina o xisto, as dobras e fraturas originam um tipo de relevo característico, sulcado por vales com grandes quedas de nível, linhas de água encaixadas e onde, por vezes, se encontram curiosos acidentes geológicos, como as quedas de água da Fraga da Pena. Destaca-se também a zona de Paisagem Protegida da Serra do Açor (PPSA) situada na Serra do Açor, no concelho de Arganil, com altitudes que oscilam entre os 400 m e os 1016 m e alberga duas áreas de especial interesse: a Reserva Natural Parcial da Mata da Margarapa e a Reserva de Recreio da Fraga da Pena.



SERRA DA LOUSÃ

ALTITUDE MÁXIMA: 1205m
EXTENSÃO: 30Km
LITOLOGIA: Xisto
ORIENTAÇÃO: NE-SW
VEGETAÇÃO: Azinhreira, Carvalhos robre e negral

A Serra da Lousã representa a extremidade sudoeste da Cordilheira Central, exibindo linhas de cumeeada entre os 800 e os 1200 metros, com declives acentuados (originando encostas íngremes e vales muito encaixados) nas vertentes Norte e suaves a Sul onde, respetivamente, se fazem sentir as influências climáticas atlântica e mediterrânica. Com 1205 m de altitude o ponto mais elevado é Trevim. Situa-se na transição do distrito de Coimbra para o de Leiria. Esta Serra abrange os concelhos de Miranda do Corvo, Lousã, Góis, Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos. Devido à acentuada orografia e às variantes climáticas, a vegetação existente é diversificada, com a ocorrência de azinhireiras (*Quercus rotundifolia*) nas zonas mais secas e ensolaradas e de carvalhais de carvalho robre (*Quercus robur*) e carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) nas zonas mais húmidas e frias. De destacar ainda as inúmeras linhas de água, quase todas de carácter permanente, que alimentam as bacias hidrográficas dos Rios Zêzere e Mondego.



RIO MONDEGO

NASCENTE: Serra da Estrela
FOZ: Figueira da Foz
EXTENSÃO: 234Km
ORIENTAÇÃO: SW-NE

O Rio Mondego é o maior rio inteiramente português, nasce na Serra da Estrela, a 1425 metros de altitude, no concelho de Gouveia, distrito da Guarda, num local conhecido como Mondeguinho. Com um comprimento de 234 km, desagua no Oceano Atlântico, junto à cidade da Figueira da Foz. A sua bacia hidrográfica ocupa uma área de 6671 km². O escoamento anual na foz do Rio Mondego é, em média, de 3400 hm³. É um rio de montanha, de forte ação erosiva, correndo com a direção predominante de sudoeste-nordeste, num vale profundo e estreito, até a alguns quilómetros a montante de Celorico da Beira. Encostado ao rebordo norte da Cordilheira Central, o Mondego toma então a direção nordeste-sudoeste, insinuando-se pelo planalto da Beira Alta. Ao longo do seu percurso tem como rios afluentes o Dão, na margem direita, e os Rios Alva, Ceira, Arunca e Pranto na margem esquerda. O troço terminal (Baixo Mondego), com cerca de 40 km, percorre uma planície aluvial extremamente fértil onde se localizam alguns dos mais produtivos arrozais da Europa.

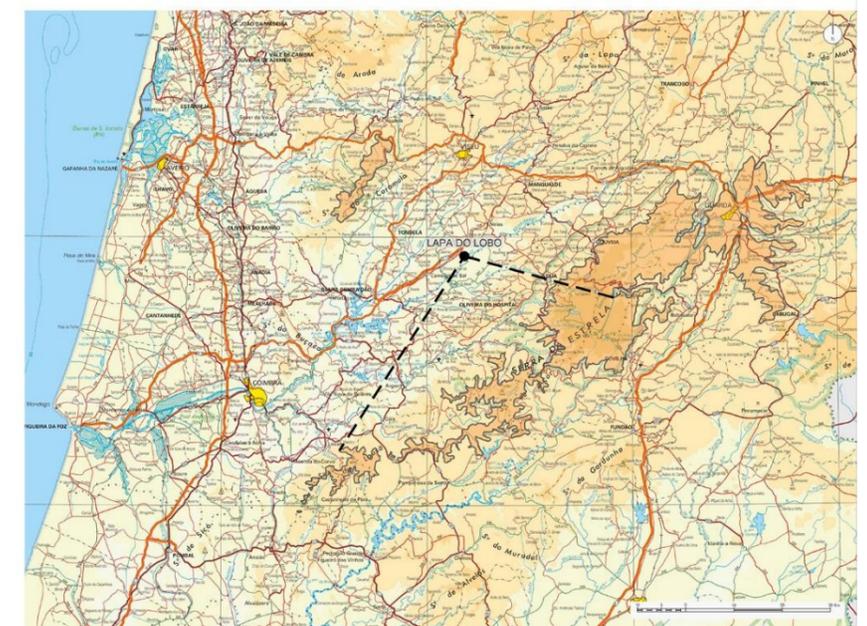
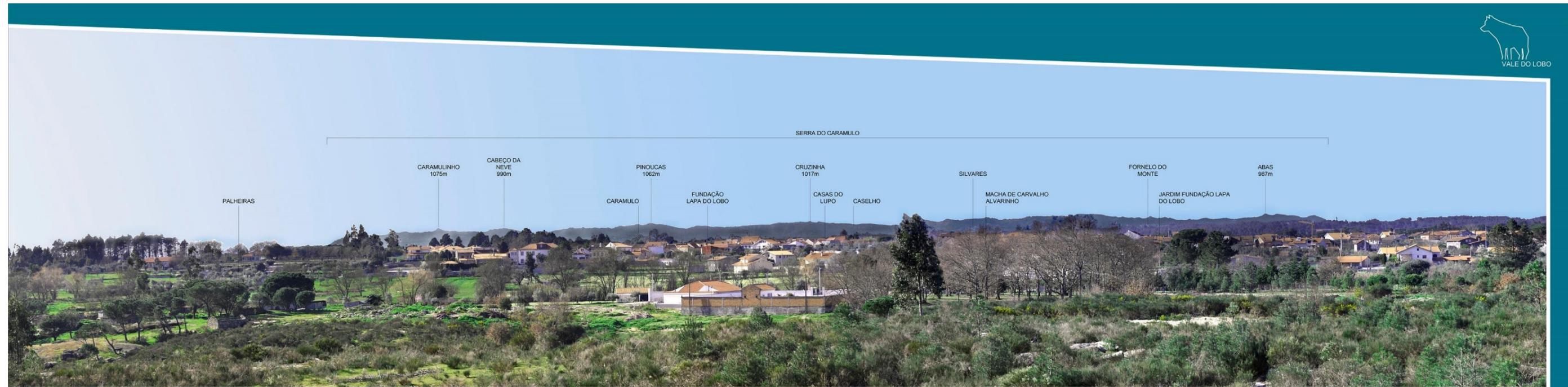
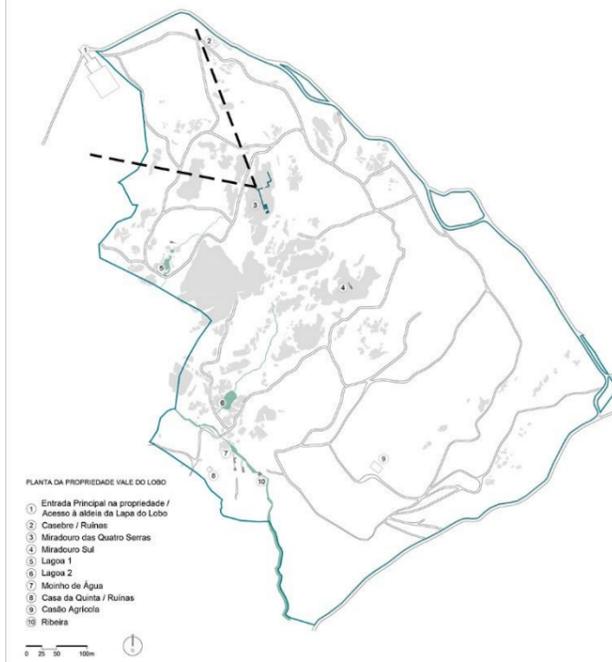


Figura 61 - Herdade Vale do Lobo: Leitor de Paisagem do miradouro Norte (orientado a Sul)



MIRADOURO DAS QUATRO SERRAS - VISTA NOROESTE - SERRA DO CARAMULO



SERRA DO CARAMULO

ALTITUDE MÁXIMA: 1075m
 EXTENSÃO: 29Km
 LITOLOGIA: Granito
 ORIENTAÇÃO: NE-SW
 VEGETAÇÃO: Pinheiro, Castanheiro, Azevinho e Eucalipto

É uma zona de montanha de origem granítica e xistosa. A serra é povoada por aldeias com casas e espigueiros em granito típicos desta região. Tendo sido esta zona povoada por romanos, ainda se podem encontrar alguns vestígios dessa época, como os trilhos de pedra. Pode-se apreciar os campos verdes e a beleza das árvores junto à água cristalina dos ribeiros que a atravessam por todos os lados e desfrutar da deslumbrante paisagem enquanto respira um ar realmente puro e saudável. Com 1075 metros de altitude, o Caramulinho é o ponto mais alto da Serra do Caramulo, a 8ª mais elevada do distrito de Viseu e a 104ª montanha mais alta de Portugal Continental. Um outro ponto de interesse é o Cabeço da Neve, de onde se pode avistar a Serra da Estrela, em dias sem nebulosidade. A paisagem da Serra do Caramulo é um monumento à natureza e o ar puro que ali se respira convida à exploração de todos os recantos, por mais escondidos que sejam. É um lugar cheio de surpresas, de vistas magníficas e de desafios estimulantes.



ALDEIA LAPA DO LOBO

Lapa do Lobo é uma freguesia do concelho de Nelas, com 10,59 km² de área e 756 habitantes (2011). Densidade: 71,4 hab/km². Existem referências à Lapa do Lobo como aglomerado populacional já nos tempos de D. Afonso Henriques, no foral da Terra de Senhorim. Na carta de aforamento de Algriz de 1257 aparece referida como Lapa de Lupo e no censo de 1527 já como Lapa de Lobo. A origem do nome que tem por base os vocábulos que o compõem ou seja "Lapa", laje que forma um abrigo ou o próprio abrigo, do "Lobo", animal bem conhecido na região, gera alguma controvérsia. É uma aldeia com vida própria e gentes de todas as idades. A sua localização geográfica privilegiada, pois encontra-se no eixo de uma estrada principal, a meia distância entre o Carregal do Sal e Nelas, dispondo, inclusivamente de um apeadeiro na linha ferroviária internacional da Beira Alta, fez com que não caísse no abandono a que tantas aldeias do nosso país foram votadas. Os pontos de interesse mais importantes da aldeia são o Palheiro, o Casaleiro, o Salto da Fonte, a Fonte, a Fundação Lapa do Lobo, as Casas do Lupo, o Forno Comunitário o Terreiro das Almas e o Terreiro das Lajes e o Jardim Público (Jardim Fundação Lapa do Lobo). A paisagem envolvente, especialmente o rio Mondego e a Serra da Estrela, marcam uma presença constante nesta aldeia.



FUNDAÇÃO LAPA DO LOBO

A Fundação Lapa do Lobo é uma entidade privada sem fins lucrativos com objetivos fundamentalmente culturais, educativos e de preservação do património. A sua área de influência centra-se, em primeiro lugar, na população e no património da Lapa do Lobo, abrangendo genericamente os concelhos de Nelas e do Carregal do Sal. Promove e dinamiza um conjunto de iniciativas, em exclusivo ou em parceria com outras entidades, e dá apoio a alguns projetos locais no âmbito da sua área de atuação. Constituída em 2007, iniciou a sua ação no âmbito da recuperação do património arquitetónico civil da aldeia e na concessão de apoios estudantis a jovens carenciados. Após a inauguração da sede, em 9 de outubro de 2010, foi possível alargar o leque de atividades e oferta cultural, tornando-se num polo de desenvolvimento cultural e social da comunidade.

Fundação Lapa do Lobo - Lapa do Lobo



CASAS DO LUPO

As Casas do Lupo são um projeto turístico que nasceu da vontade dos proprietários em contrair para a preservação do património arquitetónico civil tradicional da aldeia de Lapa do Lobo, aldeia típica da Beira Alta, do concelho de Nelas. Partiu da recuperação de 4 casas situadas no eixo histórico da aldeia, mantendo a traça original e privilegiando a utilização dos materiais construtivos típicos da região, o granito e a madeira. A decoração assentou na recuperação de móveis antigos, muitos deles pertencentes à família. Os espaços exteriores foram criados segundo um conceito minimalista, evidenciando contrastes entre a ancestralidade das oliveiras existentes e a modernidade de algumas intervenções. Tradição combinada com traços de contemporaneidade conferem às Casas do Lupo um ambiente muito especial e único. Conforto e comodidade num ambiente intimista e familiar, com sensações de casa de família. As Casas do Lupo oferecem também aos seus hóspedes a possibilidade única de usufruir de experiências inesquecíveis como seja o estar aqui, agora (neste preciso momento), no meio desta paisagem absolutamente deslumbrante.



Figura 62 - Herdade Vale do Lobo: Leitor de Paisagem do miradouro Norte (orientado a Norte)

Trabalho desenvolvido e Aprendizagem

O tempo investido na elaboração dos elementos referidos foi enriquecedor e de muitas horas de trabalho, sobretudo pela aplicação dos conhecimentos adquiridos ainda no princípio na universidade, como a identificação das linhas de festos e elementos marcantes da paisagem, lembrando o processo das cartas de limites visuais, mas melhor bem elaborado ao nível de painel.

A elaboração do *design* do painel ficou inicialmente sob a nossa responsabilidade, tendo sido posteriormente assumido pela Arq. Paisagista Ana Barreiros, pois foi necessário aplicar uma linguagem mais prática e limpa, com um desenho apelativo, já anteriormente testado pela equipa em outros trabalhos.

Foi-nos também solicitado, pelo Arq. Paisagista Pedro Batalha, um estudo preliminar dos suportes para os painéis, assim como vários esboços para apresentar ao cliente. Este trabalho resultou em quatro esboços com diferentes suportes, altura, inclinação e materiais distintos (Figura 63).



Figura 63 – Herdade Vale do Lobo: Esboços do suporte dos Leitores de Paisagem

Dos trabalhos por nós realizados contam-se o tratamento das imagens panorâmicas, a investigação das informações contidas nos painéis relativamente às aldeias, a identificação do limite visual constituído por serras e cumes e a marcação de todas essas informações nas imagens panorâmicas para posterior aplicação do *layout* final aqui apresentado.

Outros trabalhos desenvolvidos

Durante o período de estágio muitos outros trabalhos foram executados, para além dos apresentados neste relatório, nos quais a nossa participação foi pontual e não muito alargada, não apresentando material suficiente para ser descrito e pormenorizado.

Destes trabalhos contam-se a elaboração de uma Proposta de intenções para um condomínio na Barragem do Gove – Angola, ao nível das Plantas de Loteamento, da Planta de Circulações e de realização de medições para o Mapa de Quantidades; e para Cinfães, uma obra para um cliente particular, foram realizadas medições para elaboração de orçamento.

Apesar de pequenas, estas participações foram de igual forma importantes para o nosso desenvolvimento e crescimento profissional.

3

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arquitetura Paisagista é uma profissão muito abrangente. No entanto, dentro desta abrangência, consideramos o projeto de Arquitetura Paisagista uma das principais áreas que vai muito mais além do que uma vocação ou arte, pois requer um grande conhecimento nas mais variadas matérias, uma visão global e a compreensão das mais diferentes problemáticas, tornando-se um dos maiores desafios na vida de um Arquiteto Paisagista.

O estágio curricular serviu como uma ponte entre a universidade e a realidade profissional, contribuindo para completar as lacunas que a formação acadêmica e apresentando ao estudante o mundo profissional.

Vale salientar que o percurso acadêmico, por vezes, permite um certo afastamento do mundo exterior, real, mas fornece-nos as bases para nos lançar no mundo do trabalho. No entanto, para tal é preciso ter a experiência dos projetos acadêmicos, por vezes inexecutáveis, mas necessários para abrir a mente para novas possibilidades de criação.

Consideramos este estágio uma segunda formação. A participação na rotina de um *atelier* de Arquitetura Paisagista permitiu-nos entender o seu funcionamento, sentir o que acontece na realidade profissional, adquirir conhecimentos e trabalhar lado a lado com profissionais, estimular a imaginação, aprender com os erros e ter a plena certeza de que é esta a rotina agitada e por vezes stressante que desejamos para o nosso futuro profissional.

Tudo que almejávamos foi conseguido: estar ao lado de cinco grandes profissionais que nos receberam de braços abertos e não tiveram, nem por um minuto, quaisquer ato de superioridade para com um estagiário. Todos nos fizeram sentir parte integrante da equipa, tomando as nossas opiniões e sugestões bem-vindas e consideradas. Estiveram sempre dispostos a esclarecer quaisquer dúvidas ou curiosidades que tínhamos quer a respeito dos projetos, quer de uma ferramenta no AutoCAD que não estávamos habituados a trabalhar, quer ao nível das técnicas de construção.

Consideramos também que, por vezes, há um certo distanciamento entre a realidade profissional e o universo académico. Ou seja, a realidade profissional se sobrepõe aos princípios adquiridos ao longo do curso, mas acreditamos que com o passar do tempo, e que assim seja, ambas realidades, poderão e deverão ser compatíveis em seus princípios.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

AMIDON, J. – **Moving Horizons. The Landscape Architecture of Kathryn Gustafson and Partners.** Basel: Birkäuser, 2005.

BAUMEISTER, N. – **New Landscape Architecture.** Berlin: Braun, 2007.

BRADLEY-HOLE, A. – **El Jardin Minimalista.** Barcelona: Ediciones Gamma, 2001.

CABRAL, F. C. – **Fundamentos da Arquitectura Paisagista.** 2.ª ed. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2003.

CABRAL, F. C. & TELLES, G. R. – **A Árvore em Portugal.** Lisboa: Assírio & Alium, 1999.

CANTRELL, B. & MICHAELS, W. - **Digital Drawing for Landscape Architecture: Contemporary Techniques and Tools for Digital Representation in Site Design.** New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2010.

CULLEN, G. – **Paisagem Urbana.** Lisboa: Edições 70, 2009.

KREMER, B. P. – **Arbustos Silvestres de Jardim.** Lisboa: Everest Editora, s/data.

MOREIRA, J.M. – **Árvores e Arbustos em Portugal.** Lisboa: SIG-Sociedade Industrial Gráfica, 2008.

NEUFERT, E. – **Arte de Projectar em Arquitectura.** Lisboa: Gustavo Gil S.A., 1987.

TELES, P. – **Acessibilidade e Mobilidade para Todos – Apontamentos para uma interpretação do DL 163/2006 de 8 de Agosto.** Porto: PAIPDI, 2009.

WALKER, P. & SIMO, M. - **Invisible Gardens: The Search for Modernism in the American Landscape.** Massachusetts: MIT Press, 1996.